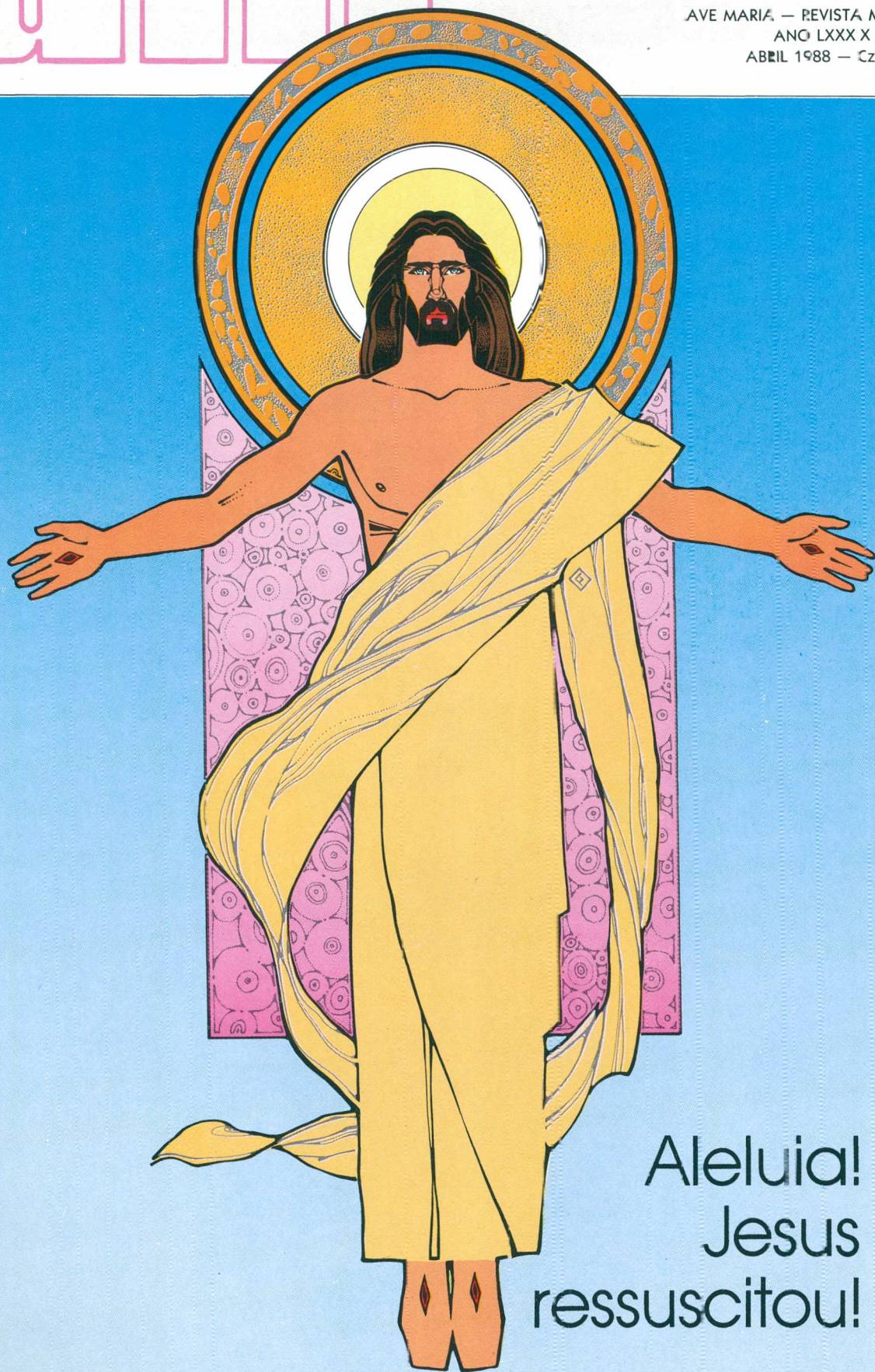


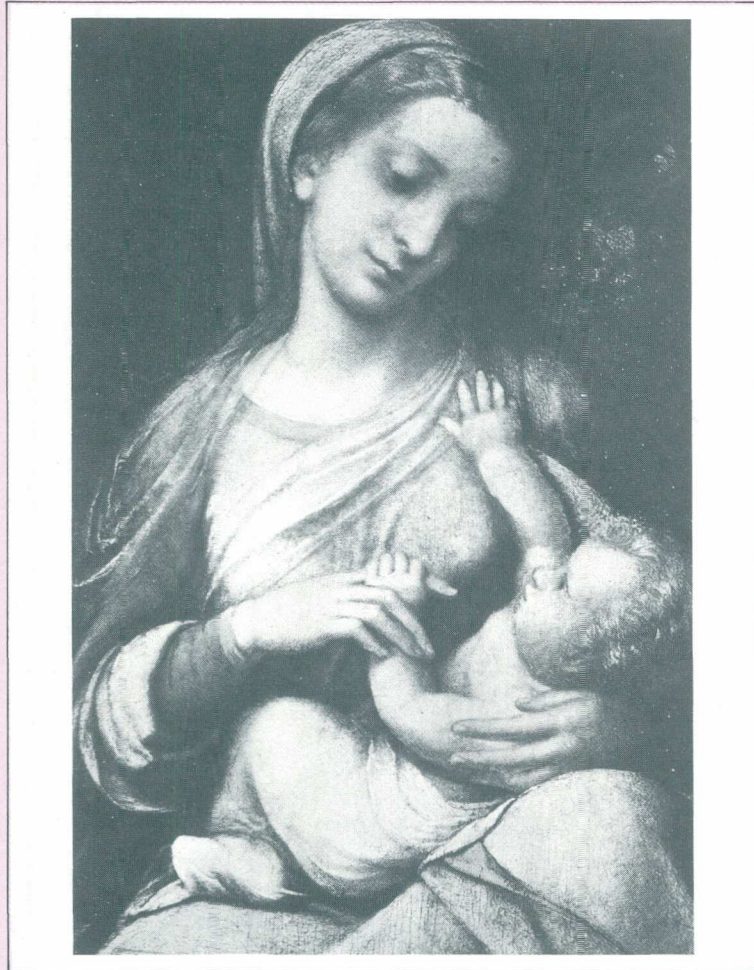
am

AVE MARIA — REVISTA MENSAL
ANO LXXX X — Nº 4
ABRIL 1988 — Cz\$ 50,00



Aleluia!
Jesus
ressuscitou!

MARIA, mãe querida



*Maria, Mãe querida,
que se acabe, mas se acabe mesmo
a maldita fabricação de armas.
O mundo precisa fabricar a paz.*

*Basta de injustiças,
de uns tendo de vomitar para comer mais
e 50 milhões morrendo de fome num ano só.*

*Maria, Nossa Senhora, Mãe querida,
nem é preciso ir tão longe como no seu hino,
nem é preciso que os ricos saiam de mãos
vazias*

*e os pobres de mãos cheias:
nem pobre nem rico!*

*Nada de escravo de hoje ser senhor de escravos
amanhã:*

basta de escravos!

*Um mundo sem senhores e sem escravos,
um mundo de irmãos,
irmãos não só de nome e de mentira:
irmãos de verdade, Maria!*

(dom Hélder Câmara)

Entregue aos Correios em Junho/88

am
avemaria

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209 / 73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

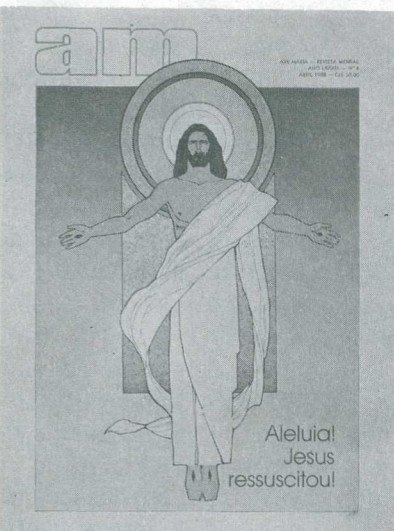
Preparação e revisão: Lupércio E. de Oliveira

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54 215 (CEP 01227) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista *Ave Maria*. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura são feitas por banco ou correio. Preços: números avulsos: Cz\$ 50,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 500,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 1.000,00.



Passagem para um novo tempo

Depois de lembrar acontecimentos trágicos com Jesus de Nazaré, em sua paixão, condenação e morte, passa-se para a Ressurreição. Algo de muito novo aprende-se com estes acontecimentos, sobretudo quando eles são espelhados na realidade atual.

Além de ser frisada com detalhes em encenações e rituais a grandiosidade da doação de Jesus Cristo, reaparece a estrutura que corresponde ao projeto de Deus. Na quinta-feira santa a celebração da ceia mostra que a amizade, o serviço, o amor e a partilha são indispensáveis para a vida nova. Na sexta-feira santa o julgamento iníquo e a condenação de Jesus pesam como valores absolutos da arbitrariedade, da inveja, do orgulho, do egoísmo, do autoritarismo, instituindo o direito à opressão. De outro lado, vemos a obediência e a fidelidade de Jesus até à morte de cruz consagrando a resistência do Espírito de Deus em Jesus de Nazaré, que não se conforma com o mal, com a maldade, com a injustiça, com a mentira, com a falsidade: Domingo de Páscoa — Ressurreição. Abre-se um novo tempo: vitória de Cristo e nossa vitória sobre a opressão, sobre a injustiça, o pecado, a dor, sobre a morte.

Quem se deu o tempo de refletir sobre o tema da Campanha da Fraternidade deste ano — a fraternidade e o negro — pode ter percebido que a *via-crucis* se repete hoje com todas as vítimas da discriminação, do preconceito, do racismo, da escravidão.

A história dos nossos antepassados conta que homens escravizaram homens. E durante 4 séculos acharam “normal” esse procedimento. A diferença da cor epidérmica justificava. O sangue, a alma, o ser nada contava. Triste, desumano, horrendo e sofrido tempo. É de extrema urgência a passagem para um novo tempo. Associados aos irmãos negros, estão os índios, os sem-terra, os discriminados e marginalizados dos frutos do trabalho e do progresso que não desistem da luta por libertação porque crêem no Senhor que diz: “Ouvi o clamor deste povo”.

A Páscoa é a passagem para o novo tempo no qual a convivência deve ser mais humana e respeitosa. É um novo tempo porque é apoiado em Jesus Cristo ressuscitado, vale dizer, no Deus da vida. É um tempo em que o temor da morte é banido e com isso ideais e esperanças semeados em si e na sociedade renascem com nova força. Alicerçado na Ressurreição o homem traz para dentro de si o desejo de uma vida mais intensa com Deus, o ideal da justiça e a esperança do amor que une, congrega e partilha o dom da vida — e as coisas para que ela seja digna — com os semelhantes. É um novo modo de ser e de conviver. É a passagem para um novo tempo.

P.C.G.

SUMÁRIO

- | | | |
|--|---|--|
| 4 • A IGREJA NO MUNDO | 13 • ALUGUEL NOS CORTIÇOS: “UM DEUS-NOS-ACUDA!” E AS AUTORIDADES NADA FAZEM | 24 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA |
| 6 • A URGÊNCIA DE FORMAR LEIGOS QUE TORNEM VIVO O EVANGELHO NAS CULTURAS | 16 • O QUE É OPTAR PELO POBRE? | 26 • PÁGINA DO CATEQUISTA |
| 7 • ANO MARIANO | 17 • CIDADES DO MEU BRASIL | 27 • CONSULTÓRIO POPULAR |
| 8 • LAMENTO DE CATIVEIRO E DE LIBERTAÇÃO | 18 • CIMI REBATE ACUSAÇÕES DO PRESIDENTE DA FUNAI | 28 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA |
| 9 • RESGATE DO NEGRO | 19 • QUINHENTOS ANOS DE ABANDONO | 30 • RELENDO A BÍBLIA |
| 10 • A EUROPA “CRISTÃ” PAGOU CARO PELA ESCRAVIDÃO | 22 • ALCOOLISMO | 32 • LIVROS RECEBIDOS |
| | 23 • A GUERRA DAS CRIANÇAS | 33 • QUE BOM QUE VOCÊ VEIO! |
| | | 34 • COLUNA DO MENOR |

Continuam violências contra lavradores no Vale do Juari

Gurupi (GO) (AGEN). Em nota divulgada em Gurupi, norte de Goiás, o bispo de Miracema do Norte (GO), d. Jaime Collins, e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) denunciaram a continuidade das violências e injustiças contra as 86 famílias que tentam permanecer na fazenda Vale do Juari, desapropriada por decreto presidencial em 31 de julho de 1986, confirmado por decisão do Supremo Tribunal Federal, em 23 de setembro de 1987, negando mandado de segurança impetrado pelo fazendeiro Luiz Espíndola Cardoso.

D. Jaime e a CPT começaram a nota defendendo os padres Martinho Murray e Henri des Roziers das acusações, feitas pelo fazendeiro, de "incitação dos posseiros à violência". Afirmam, depois, que o governo e a justiça "são inteiramente responsáveis pela situação de violência neste conflito que, em dois anos, provocou a morte de sete pessoas e vários feridos, além do sofrimento de 86 famílias que foram despejadas de suas posses, por três vezes, com muita violência, perdendo tudo o que tinham".

Fome. O juiz federal de Araguaína (GO), Waldir de Souza Braga, segundo a nota, "está protelando os processos possessórios e

de imissão de posse, não permitindo aos advogados dos posseiros ter um acesso a esses processos, não encaminhando seus recursos judiciais, não respondendo aos pedidos de informação das instâncias judiciais de Brasília" e, por isso, está sendo processado. Além disso, o MIRAD não está cumprindo o compromisso de pagar uma cesta de comida para 52 famílias de posseiros cadastrados. "Passando fome, os posseiros tentam colher o que sobrou nas suas roças e plantações e são atacados por pistoleiros do fazendeiro", diz a nota.

Paralelamente, o fazendeiro Luiz Espíndola Cardoso Júnior — com prisão preventiva decretada, acusado de ter assassinado os posseiros Vilmone da Silva e José de Deus Francisco Nascimento — está circulando livremente na cidade de Colinas (GO) "ameaçando posseiros e o padre Martinho Murray", de acordo com a CPT e d. Jaime Collins.

Pistoleiros que mataram padre Ezequiel condenados à prisão

Cuiabá (AGEN). Em julgamento realizado nos dias 15 e 16 de março, em Cuiabá, capital do Mato Grosso, os pistoleiros Deuzébio Gonçalves Fraga e Altamiro Flauzino foram condenados, respectivamente, a 24 e 25 anos de prisão. Deuzébio Fraga,

matogrossense de 30 anos, e Altamiro Flauzino, capixaba de 24 anos, são dois dos sete pistoleiros acusados de terem matado o padre Ezequiel Ramin, missionário comboniano italiano, no dia 24 de julho de 1985, quando o religioso, então pároco de Cacoal (RO), se encontrava em Aripuanã (MT). Os pistoleiros agiram a mando do paulista Osmar Bruno Ribeiro, que reivindica a posse da Fazenda Catuva, na época ocupada por trabalhadores sem terra apoiados pelo padre Ramin.

Esta foi a primeira vez, nos últimos anos, que pistoleiros envolvidos em morte por conflito de terra vão às barras da justiça, sendo condenados à prisão. Por isso, o julgamento de Cuiabá foi considerado histórico, pela Comissão Pastoral da Terra e demais entidades que apóiam a luta pela reforma agrária. Um terceiro pistoleiro que seria julgado a 15 de março, o ex-soldado da PM Nagib Alves de Almeida, não compareceu, apesar de ter recebido a carta precatória. O mandante, Osmar Bruno Ribeiro, será julgado posteriormente. Os outros quatro pistoleiros que participaram do assassinato (o padre Ezequiel Ramin recebeu cerca de 50 tiros), José Paulo Brandão, Olavo Sutil, Francisco Preto e um quarto, não identificado, encontram-se foragidos.

Aviso aos assinantes

Em breve, o nosso representante **JOÃO MENEZES** visitará a seguinte cidade paulista: Sorocaba.

Igreja católica chilena na mira da ultra-direita

Santiago (AGEN/Análisis). Os religiosos católicos chilenos comprometidos com os direitos humanos estão sendo ameaçados de morte por grupos da extrema-direita, segundo informa a revista chilena *Análisis*. Em 18 de fevereiro, foram feitas ameaças telefônicas contra o cardeal Raúl Silva Henríquez, arcebispo aposentado de Santiago. A Ação Chilena Anticomunista (ACHA) enviou carta para d. Raul. Outras ameaças telefônicas e por cartas foram feitas recentemente contra os padres Eugênio Pizarro, Winfredo Van Den Berg e Christian Precht e contra os bispos Sergio Contreras e Carlos Camus, além do próprio cardeal arcebispo de Santiago, d. Francisco Fresno. A catedral de Iquique sofreu atentado, há duas semanas, horas depois do bispo local, d. Javier Prado, ter denunciado a impunidade dos grupos paramilitares de extrema-direita. No dia 4 de março, o Departamento de Leigos da diocese de Linares foi invadido por um desses grupos. Os invasores pintaram as paredes com frases de apoio a Pinochet. As cúrias diocesanas de Linares e Talca também foram atacadas. O padre Winfredo Van Den Berg foi ameaçado de morte pelo grupo "Exterminador 143". A rádio que ele dirige — La Voz de la Costa, de Osorno — foi atacada a tiros, bombas e pe-

dradas. Os locutores da rádio também receberam cartas da Força Nacionalista de Combate (FNC), outro grupo paramilitar, com ameaças de morte.

Lumen 2000: milhões de dólares para evangelização

São Paulo (AGEN). "Evangelização 2000" e "Lumen 2000" são duas expressões cada vez mais presentes no cotidiano da Igreja Católica no Terceiro Mundo e, particularmente, na América Latina, representando o investimento de milhões de dólares dentro de um programa global que inclui desde a implantação de um "centro internacional de formação" em Roma até o estabelecimento de sistemas de *hardware* e *software* para evangelizar pela televisão, via satélite. Os investimentos iniciais nesses projetos serão da ordem de 20 milhões de dólares, arrecadados pela fundação holandesa Witnessing God's Love (Testemunhas do Amor de Deus) e por empresários europeus e norte-americanos. A sede do "Evangelização 2000" está no Vaticano, no Palazzo Belvedere. Essas iniciativas estão ligadas à Renovação Carismática Católica e, no Brasil, estão centralizadas na sede desse movimento, em Belo Horizonte (MG). No momento, o diretor internacional dos dois projetos, o padre redentorista

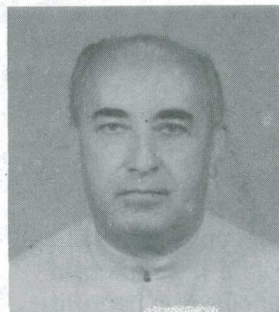
Tom Forrest, e o diretor para o Sul da Europa e América Latina, padre Manuel Casanova, estão enviando cartas para todos os bispos católicos do Brasil sobre as duas iniciativas.

Um outro esquema ligado a esses projetos é a implantação de um sistema de computadores no Conselho Episcopal Latino-Americano, CELAM, envolvendo recursos iniciais em torno de 10 milhões de dólares. As diversas conferências episcopais serão ligadas através de telex, telefax e linhas telefônicas diretas, usando-se satélites de telecomunicação. Publicações serão editadas simultaneamente em todo o continente. Segundo o diário espanhol *El País*, o projeto servirá "para exercer controle sobre o trabalho dos teólogos da libertação". Mas o secretário geral do CELAM, d. Oscar Rodriguez, disse à revista *30 Giorni*, de Comunhão e Libertação, que o projeto vai enfrentar "a desinformação a nível universal" das "agências laicistas e de esquerda". A CNBB opôs-se a essa iniciativa do CELAM, exigindo maior consulta ao episcopado latino-americano.

Aviso aos assinantes de Belo Horizonte

Avisamos que os nossos seminaristas claretianos de Contagem (Novo Progresso - Rua Tenente Serpa, 82 - Tel.: 468-1899) estão fazendo o trabalho de renovação e novas assinaturas da revista Ave Maria.

Irmão Joaquim de Castro



Após 37 anos de andanças por essa querida Minas Gerais fui forçado, por motivo de saúde, a deixar esse trabalho que vinha fazendo com muito gosto. Continuarei trabalhando agora no Secretariado das Vocações Claretianas que funciona em São Paulo, capital, onde estarei à disposição dos amigos.

Agradeço primeiramente a Deus e a nossa Boníssima Mãe Virgem Maria e a todo bom Povo Católico de Minas Gerais que muito me ajudou nessa longa caminhada que o mesmo Deus me destinou. *Deo Gratias!*

Aproveitando o ensejo venho agradecer também muito sinceramente aos Padres Vigários e superiores das Comunidades Religiosas o fraternal acolhimento e caridosa hospedagem durante todos esses anos. Não poderia deixar de agradecer também a valiosa cooperação das Zeladoras e Zeladores sem o que seria impossível o trabalho que tenho desenvolvido. Agradeço sensibilizado a todos os bons assinantes e amigos, a atenciosa e delicada recepção que sempre tive apesar do ingrato trabalho que é a cobrança.

O trabalho de cobrança de assinaturas agora vai ser feito diretamente por correspondência com auxílio de computador, para cuja eficiência contamos com a valiosa cooperação e apoio dos colaboradores e zeladores e dos bons assinantes.

★ ★ ★

A revista *Ave Maria*, aproveitando a ocasião, agradece a preciosa colaboração do Irmão Joaquim Castro e lhe deseja êxito igual ou até melhor no seu novo campo de trabalho.

A urgência de formar leigos que tornem vivo o Evangelho nas culturas

(...)

O recente Sínodo dos Bispos, consagrado à vocação e à missão dos leigos na Igreja e no mundo, a vinte anos do Concílio Vaticano II, sublinhou a urgência de formar os leigos, para tornar o Evangelho cada vez mais presente no tecido vivo das culturas, nos ambientes que marcarão amanhã as mentalidades e inspirarão os comportamentos: a família, a empresa, a escola, a universidade, os meios de comunicação social. Alguns dentre vós deram contribuição valiosa, ao ressaltarem a importância da ação a realizar para abrir o mundo intelectual e universitário aos valores evangélicos.

Os trabalhos do Sínodo fizeram com que se tomasse consciência, ainda mais clara, de que o desafio de todos os batizados é testemunharem a própria fé com inteligência e coragem, de maneira que a salvação e a esperança sejam levadas através das culturas do nosso tempo. Convido-vos de novo a fazer compreender melhor aos vossos contemporâneos o que significa, concreta e vitalmente, evangelizar as culturas. A tarefa é complexa e árdua, mas o meu encorajamento, o meu apoio e a minha oração vos acompanham nesta missão, à qual atribuo uma importância primordial.

Para que o Evangelho possa fecundar as culturas deste mundo em plena transformação, um impulso renovado deve vir de todas as componentes da Igreja, bem como dos organismos da Santa Sé e das conferências episcopais, das organizações internacionais católicas e das comunidades religiosas e dos institutos seculares, dos leigos empenhados



na rica diversidade dos movimentos de apostolado, e de igual modo no seio das instituições da cidade.

O vosso Presidente executivo informou-me dos projetos de encontros, preparados com bastante antecedência, que vos permitem pouco a pouco entrar em contato com as realidades vivas da Igreja nos diversos continentes. Em particular, penso no recentíssimo colóquio africano devido à iniciativa da senhora Victória Okye, o qual vos permitirá, depois de Onissa, reconhecer o notável empenho das mulheres africanas por transmitir a fé e a cultura, por encarnar os valores do Evangelho nas gerações sucessivas que serão a África do próximo milênio.

No quadro da atividade da Santa Sé junto das instituições internacionais, a começar pela UNESCO e o Conselho da Europa, vós tendes uma contribuição específica a dar segundo as vossas atribuições próprias, a fim de tornar ainda mais incisiva a presença dos cristãos e das suas organizações nos grandes encontros, onde se debatem os problemas da educação, da ciência, da informação e da cultura. Encorajo vivamente a vossa participação nas iniciativas tomadas pelos respectivos Dicasterios romanos, para realizardes estes objetivos que respondem às aspirações da nossa época, tão sensível a que se ponha em prática uma cultura solidária e fraterna. (...)

Neste Ano Mariano, que Nossa Senhora seja a vossa estrela e o vosso modelo! Ao dar-nos o seu Filho Jesus, ela deu-nos tudo. Na sua pessoa, os valores humanos foram assumidos e transfigurados num mistério ao mesmo tempo de interioridade e de transcendência. Seguindo o seu exemplo, a vossa cultura seja o reflexo daquilo que recebestes e o crisol daquilo que oferecestes à Igreja e ao mundo, a saber, o testemunho de que o Reino anunciado pelo Evangelho é vivido na vossa própria cultura!

Com todos os meus votos para as vossas pessoas e as vossas famílias, asseguro-vos a minha oração pela fecundidade do vosso trabalho, sobre o qual invoco a abundância da graça divina, ao dar-vos de todo o coração a minha Bênção Apostólica.

(Aos 15 de janeiro de 1988 à assembléa plenária do Pontifício Conselho para a Cultura.)

Maria sintetiza as passagens mais importantes da história salvífica.

Nela se encontram os grandes momentos: a passagem do Antigo para o Novo Testamento; da vida oculta para a vida pública de Jesus; da passagem de Jesus da vida para a morte e desta para a Ressurreição.

Este deve ser também o itinerário da Igreja.

CAMINHO DE MARIA: CAMINHO DA IGREJA

José C.R. García Paredes



A vida de Maria foi um caminho de fé, com suas luzes e suas sombras, seus encontros e suas ausências, suas divergências e suas convergências. O caminho de fé de Maria teve muitas encruzilhadas. Em Maria encontraram-se as esperanças e utopias do povo de Israel. Em Maria se combinam o Antigo e o Novo Testamentos. Em Maria Israel acolhe Jesus. Diante de Maria, Jesus passa deste mundo para o Pai. Em Pentecostes, o caminho de Maria conflui com o caminho da Igreja.

“Estruturalmente, dentro da história da salvação, Maria é um personagem de confluências: nela se encontram os grandes momentos — ela foi testemunha da passagem do Antigo para o Novo Testamento; testemunha da passagem da vida oculta para a vida pública de Jesus; testemunha da passagem de Jesus da vida para a morte; testemunha da passagem de Jesus da morte para o tempo da Igreja. ‘Maria é a brecha através da qual se abre na história o espaço salvador, o sábado escatológico’ (F. Foresti). Maria sintetiza as passagens mais importantes da

história salvífica. Nos grandes momentos de ‘transição’ ela está presente” (J.C.R.G. Paredes. *Maria, a mulher do Reino de Deus*. São Paulo, AM edições, 1985).

A “Igreja a caminho”

O tema utilizado pela encíclica *Redemptoris Mater* para contemplar o mistério da Igreja é a “peregrinação”, ou a “Igreja a caminho”. Já dizia santo Agostinho (*De civitate Dei*, XVIII, 51) que a Igreja “vai peregrinando entre as perseguições do mundo e os consolos de Deus”. E o Vaticano II ressaltou o mesmo ao afirmar: “Enquanto não houver novos céus e nova terra, nos quais tenha sua morada a santidade (II Pedro 3, 13), a Igreja peregrinante, em seus sacramentos e instituições que pertencem a esse tempo, leva consigo a imagem deste mundo que passa e ela mesma vive entre as criaturas, que gemem pelas dores de parto até o presente, na espera da manifestação dos filhos de Deus” (LG, 48). Em outra passagem, diz: “A Igreja peregrinante é missionária por sua

própria natureza, posto que procede da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo os desígnios de Deus Pai... A Igreja deve caminhar, guiada pelo Espírito Santo, pelo mesmo caminho que Cristo percorreu, quer dizer, pelo caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesmo até a morte, da qual saiu vitorioso por sua ressurreição. Pois assim caminharam na esperança todos os apóstolos, que com muitas tribulações e sofrimentos supriram o que faltava às tribulações de Cristo por seu corpo, que é a Igreja” (AG 2.5).

Israel, o “peregrino do deserto”, foi chamado algumas vezes “Igreja de Deus” (Esdras 13, 1; Números 20, 4; Deuterônimo 23, 1). Assim também o novo Israel chama-se Igreja de Cristo (Mateus 16, 18) (RM, 25). A Igreja é, portanto, como Israel, uma comunidade em êxodo; não tem aqui sua cidade permanente; segue o mesmo caminho de Jesus, a quem pertence porque foi adquirida com seu sangue. O caminho de Jesus foi um caminho de pobreza, de obediência, de serviço e de imolação até a morte. Esse é o caminho da Igreja. Esse foi

também o caminho de Maria.

O caminho da Igreja tem um aspecto visível, exterior. A comunidade eclesial foi se tornando presente nos diferentes lugares da Terra, nos diferentes tempos da História: “até os confins da Terra” (Atos dos Apóstolos 1, 8) e “até o fim do mundo” (Mateus 28, 20). Por isso, a Igreja entra na história humana reescalando todos os limites de tempo e lugar. O caminhar da Igreja não se reduz apenas a este aspecto visível: o aspecto essencial é o caminho interior da Igreja, quer dizer, sua peregrinação através da fé. A fé é o caminho empreendido pela Igreja. Nesse caminhar, ela recebe força do Senhor Ressuscitado, que é o Espírito Santo. Sem o Espírito Santo a Igreja não poderia “crer”, confiar-se totalmente, realizar a “obediência da fé”. A Igreja nunca chegou a um ponto máximo de crença. Ela sempre pode conhecer mais, confiar-se e abandonar-se mais a Deus. Na medida em que ela, como mãe, gera novos filhos, nessa mesma medida sua fé está sempre em processo de iniciação e, na medida em que seus filhos cheguem ao fim de suas carreiras, nessa mesma medida sua fé está se cumprindo, consumando-se (RM, 25).

A história da espiritualidade da Igreja é testemunha desse caminho da fé. Toda época histórica tem suas luzes e suas sombras, suas seguranças e suas conturbações, suas memórias e seus esquecimentos. Nenhum grupo eclesial, nenhuma comunidade histórica de fiéis a Deus já viveu a plenitude da fé. Uns acentuam e vivenciam determinados aspectos; outros ressaltam dimensões diferentes. Todos os fiéis a Deus estão implicados nesse caminho. ■

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de Teologia e diretor da revista Vida Religiosa em Madri.)

Tradução: Suely Mendes Brazão

LAMENTO DE CATIVEIRO E DE LIBERTAÇÃO

Frei Leonardo Boff

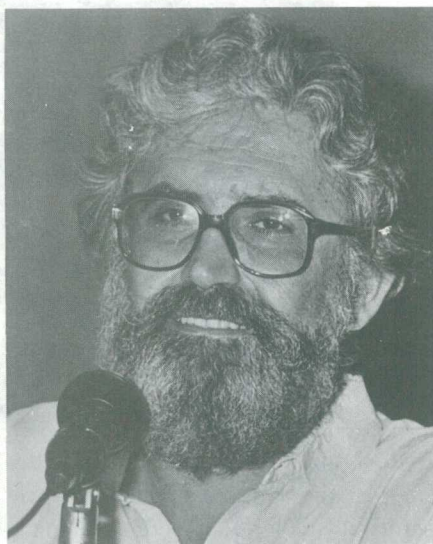


FOTO: JOÃO MINHARRO

Meu irmão branco, minha irmã branca, meu povo: Que te fiz eu e em que te contristei? Responde-me.

Eu te mostrei o que significa ser templo de Deus. E por isso, como sentir Deus no corpo e celebrá-lo no ritmo, na gíngua e na dança. E tu reprimiste minhas religiões afro-brasileiras. E fizeste da macumba caso de polícia.

E te inspirei a música carregada de banzo e o ritmo contagiante. Eu te ensinei como usar o bumbo, a cuíca e o atabaque. Fui eu que te dei o samba e o rock. E tu tomaste do que era meu, fizeste nome e renome, acumulaste dinheiro com tuas composições e nada me devolveste.

Meu irmão branco, minha irmã branca, meu povo: Que te fiz eu e em que te contristei? Responde-me.

Eu desci os morros, te mostrei um mundo de sonhos, de uma fraternidade sem barreiras. Eu criei mil fantasias multicores e te preparei a maior festa do mundo: dancei o carnaval para ti. E tu te alegraste e me

aplaudiste de pé. Mas logo, logo, me esqueceste, me deixaste na favela, na realidade nua e crua da fome, do desemprego e da opressão.

Eu te dei em herança o prato do dia-a-dia, o feijão e o arroz. Dos restos que recebia fiz a feijoada, o vatapá, o efó e o acarajé, a cozinha típica do Brasil. E tu me deixaste passar fome. E permites que minhas crianças morram antes do tempo ou que seus cérebros sejam irremediavelmente afetados, imbecilizando-os para sempre.

Meu irmão branco, minha irmã branca, meu povo: Que te fiz eu e em que te contristei? Responde-me.

Eu fui arrancado violentamente de minha pátria africana. Eu conheci o navio-fantasma dos negreiros. Eu fui feito coisa, peça, escravo. Eu fui a mãe-preta para teus filhos. Eu cultivei os campos, plantei o fumo e a cana. Eu fiz todos os trabalhos. E tu me chamas de preguiçoso, me prendes por vadiagem, por causa da cor da minha pele me discriminas e me trata ainda como escravo.

Eu soube resistir, consegui fugir e fundar quilombos: sociedades fraternas, sem escravos, de homens e mulheres livres. Eu transmiti, apesar do açoite em minhas costas, a cordialidade e a doçura à alma brasileira. E tu me caçaste como bicho, arrasaste meus quilombos e ainda hoje impedes que a abolição dos escravos seja para sempre verdade verdadeira.

Meu irmão branco, minha irmã branca, meu povo: Que te fiz eu e em que te contristei? Responde-me. ■

1888-1988
Centenário da Lei Áurea

RESGATE DO NEGRO

Dom Jairo Matos da Silva
Bispo diocesano de Bonfim (BA)



*Do fundo das noites
Escuto os açoitados
Constantes, fatais:
São homens tombando.
Mulheres gritando
Fatídicos ais.*

*Trazidos de terras
Distantes: de guerras,
Talvez, entre mãos.
Para sempre perdidos,
Comprados, vendidos
Até por cristãos.*

*Nos punhos-a-gemas...
Terríveis embornas
De dores sem par.
E, assim, torturados
Alguns são lançados
No fundo do mar.*

*Com o rosto sem brilho
A mãe perde o filho
Gerado no amor.
Seu pai desnudado,
Inerte, surrado,
Morrendo de horror.*

*Os corpos sangrando,
Os peitos arfando.
Os olhos sem luz.
Bradando em delírio.
Sofrendo o martírio
Cruel de uma cruz.*

*Quem sabe? Eram nobres!
Agora são pobres
Jogados no chão.
Caçados às pressas,
Agora são "peças"
Em pleno porão.*

*Sem terra, sem casa,
Os ferros em brasa
A face a queimar...
A sua existência
Virou penitência
E eterno chorar.*

*Navio negreiro —
Atroz cativoiro
Rompendo a amplidão,
Encarnas o crime
Nefando que oprime
Inteira nação.*

*O tronco terrível,
O cepo temível
O branco inventou.
E a história de um povo
Manchou-se de novo
E a nódoa ficou...*

*Ó treze de maio —
Apenas ensaio
De angústia pior!
O negro em tormenta
Não quer, não agüenta
Um peso maior.*

*Ó Deus, vem ligeiro!
Um povo altaneiro
Vendido aos milhões.
Aqui dizimado,
Vive, hoje, amarrado
Com novos grillhões.*

*Há berços feridos,
Há jovens perdidos,
Famílias ao léu.
Afasta essa guerra!
Há prantos na terra
Como astros no céu.*

A Europa "cristã" pagou caro pela escravidão

José Carlos Salvagni

**A escravidão ensina:
ninguém precisa ser
vidente para evitar
catástrofes**

Os germes do futuro estão vivos no presente. Seu desenvolvimento pode mesmo ser condicionado positivamente por quem tem olhos de ver e ouvidos de ouvir (conforme a linguagem evangélica) e se dispõe a estudar a realidade para percebê-los.

Para isso, ninguém precisa ser vidente. Não é necessário capacidade de prever o futuro. Basta prestar bem atenção ao presente e desconfiar, principalmente, de situações irregulares, abusivas, absurdas, que se tornam "normais". No rastro delas é que vêm as catástrofes humanas. Mas não basta apreender esses elementos perigosos. É preciso gestar também uma ação adequada para anulá-los ou removê-los. Isso tem muito a ver com a real missão de quem tem compromisso com a Boa Nova.

A escravidão do continente africano negro, por exemplo (como as Guerras Mundiais), não foi um fenômeno súbito, que teve início em determinado ano ou data. Ele decorreu do fato dos reinos que se diziam "cristãos" viverem com uma escravidão (mais branda), venderem até cristãos como escravos. Nunca se afastaram de fato da escravidão. Era considerada "normal". Só que ela foi se desenvolvendo, se aperfeiçoando e estava macura quando

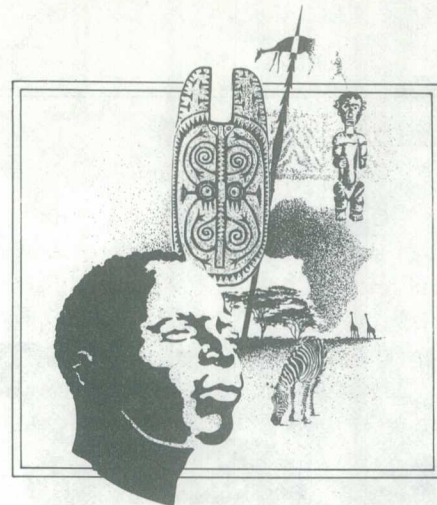
ocorreu a descoberta da América. Se não tivesse ocorrido, ela teria se desenvolvido na Europa ou na África, porque tinha impulso próprio a partir do desenvolvimento das plantações, especialmente da cana-de-açúcar. Havia uma determinação dos povos "cristãos" da Europa nesse sentido, porque não viam escândalo na situação anti-evangélica da escravidão.

No caso das Guerras Mundiais, provocadas também a partir de nações "cristãs" da Europa, provavelmente seus protagonistas principais supunham tratar-se de episódios, de confrontações "normais". Não se davam conta dos germes dos desastres, resultantes do represamento de enorme violência potencial advinda de absurdos que se acomodavam ao dia-a-dia, que se tornavam "normais" e que ganhariam vida própria com o surgimento dos modernos estados-nações, dos exércitos permanentes, do chauvinismo nacionalista, das disputas comerciais, das ideologias imperialistas, aliados a conceitos jurídicos, religiosos e ideológicos inadequados, que antes haviam respaldado fenômenos como a escravidão.

Assim é a história. A escravidão tem grandes lições para hoje e para amanhã. Estudando-a, poderemos evitar novas catástrofes.

Como era a escravidão até então

Os números da escravidão existente até 1500, tanto na África co-



mo na Europa, chegam a impressionar. Evidentemente, o caráter da escravidão era bem mais brando do que seria imposto na América. Os escravos podiam se integrar muito facilmente nas sociedades para onde eram levados, tinham mais chances de emancipação, especialmente quando não submetidos a esquemas de plantações regulares¹.

Na Europa da "civilização ocidental cristã" havia escravos. Os mercadores europeus transacionavam, de preferência, com escravos "infiéis" (mourous ou eslavos) e judeus. Mas não tinham escrúpulos em transacionar também com escravos cristãos, compatriotas. Registra-se mesmo a experiência de governantes egípcios de importar anualmente 10 mil escravos cristãos (homens) no final do século XIII e início do século XIV². Por isso, venezianos e genoveses chegaram a ser excomungados pelos papas Clemente V e Martinho V. Mas em vão³.

Na direção do Oriente, à medida que o mundo islâmico se espalhava pela Índia e pelo Mediterrâneo oriental, passava a ganhar papel cada vez mais importante também o tráfico de escravos africanos por mercadores islâmicos. Havia um comércio bastante consistente de mulheres e crianças — de 5 a 10 mil escravos por ano — através de seis importantes rotas de caravanas, de 800 a 1600⁴. Existiam regiões no Sub-Saara, todavia, em que a escravidão tinha papel dominante na vida econômica, com escravos usados como soldados ou em trabalhos agrícolas de grande escala.

Os números já impressionavam

O uso de escravos na maioria das sociedades africanas era generalizado, embora fosse limitado o uso comercial dessa mão-de-obra em grande escala.

Os números, todavia, impressionam — mesmo antes do tráfico para a América. A norte e leste da África os escravos foram enviados para fora desse continente durante pelo menos 6 séculos antes da chegada dos portugueses (que forçavam a busca de rota própria para as Índias e para as fontes de ouro e especiarias na África). “Nesse período — diz um historiador — de 3,5 a 10 milhões de africanos deixaram suas pátrias”. Predominavam mulheres e crianças. O mercado interno africano de escravos também absorvia elevado contingente, também preferindo mulheres, para tarefas domésticas ou sociais⁵.

Embora o caráter da escravidão, tanto na Europa como na África, fosse mais brando até 1500, podia haver situações mais violentas. Possivelmente nas plantações. Ao longo do Rio Níger, por exemplo, existiu o império de Songhay, no século XV, com culturas agrícolas irrigadas em que trabalhavam milhares de escravos produzindo milho, trigo e outras colheitas comerciais, vendidas inclusive a caravanas que cruzavam o Saara. Havia escravos agrícolas também em outras partes da África. Mas situações violentas como as da América, mais tarde, eram mais exceção do que regra.

Os expedientes de captura:

“guerras justas” etc.

Os escravos na Europa serviam mais como servos domésticos, a cargo de ricos senhores, ou senhoras. Na Espanha os negros tinham

status próprio, tinham juiz próprio na Andaluzia (o “Conde Negro”) e logo se misturavam, perdendo a etnia. Em Portugal, desde que não resistissem ao cristianismo, tinham possibilidades de rápida integração⁶. Em 1550 a décima parte da população de Lisboa era constituída por negros⁷.

Em muitos países da África os escravos podiam ter suas famílias; eram também rapidamente integrados na família do senhor — com 200 a 300 deles. Podiam até mesmo substituir o chefe, na ausência deste, como no Congo, onde podiam ter também outros escravos! Nesse país, segundo um historiador africano, o senhor chamava o escravo de “filho”, distinguindo-o dos “filhos de ventre”.

Claro que a situação nem sempre era tão favorável, como o próprio historiador assinala. “Mas o estágio patriarcal e comunitário impedia que o escravo negro fosse um bem no sentido romano e catoniano do termo” — como foi na América, e, particularmente, no direito escravagista brasileiro.

O fato é que, para obter mercadorias do Oriente, ouro ou mercadorias européias, os mercadores europeus e africanos vendiam compatriotas. “A África e a Europa partilharam responsabilidades”⁸. Mas — por razões históricas, sociais e políticas — a Europa acabou tendo vantagem. “A resposta nada tem absolutamente a ver com capacidades inatas, talentos raciais, potencial intelectual ou cultural, nem com qualquer espécie de superioridade ou inferioridade natural”, adverte o historiador⁹, referindo-se à interpretação que gerou o racismo, o colonialismo e o *apartheid*.

Seja para o mercado internacional ou mercados locais de escravos, outro aspecto se antecipava para o desastre africano na América: “Havia entrado em uso todo um complexo de práticas de escravização, da guerra plena e incursões a territórios

inimigos à escravização judicial e a taxação de povos dependentes — práticas que seriam facilmente ajustadas às necessidades do comércio escravo atlântico quando este surgiu, no começo do século XV”¹⁰. As tais “guerras justas”...

Era preciso seguir o rastro do açúcar

Em termos rigorosamente históricos, o contato direto de Portugal com as nações negras da África começa em 1442, quando Antão Gonçalves, a serviço de D. Henrique, o Navegador (empenhado na busca de rota própria para as Índias) desembarcou na costa, capturando um casal negro que, levado a Portugal, causou grande curiosidade e muito interesse comercial para compras a capturas posteriores. Provavam que Portugal havia chegado à terra dos negros.

Em 1454, o papa Nicolau V con sagrou o monopólio português sobre a costa africana. Diante de bateboca com a Espanha, o papa Alexandre VI traçou na carta do mundo da época uma linha, cem léguas a ocidente da ilha de Açores, dizendo que a oeste tudo pertenceria à Espanha. Em 1492 a Espanha descobre a América. Fica com ela e Portugal com a África e com pequena parte do Brasil, com o Tratado de Tordesilhas, de 1494.

Evidentemente outros reinos “cristãos”, inclusive os não-católicos, ignoraram a determinação papal. O comentário de Francisco I, da França, é bem significativo: “Muito gostaria de conhecer a cláusula do testamento de Adão que me exclui da partilha do mundo”. Mas aí — à parte essa discussão — o destino da África começava a ser selado.

Era preciso seguir o rastro do açúcar.

Por volta do ano 700 a cana-de-

açúcar chegava a algumas partes do Mediterrâneo, importada da Índia pelos árabes. No final do ano 1000, os Cruzados, em expedição à Palestina, tiveram a chance de se tornarem produtores de açúcar com meios próprios. Nos anos 1100 e 1200 os estados cristãos na Palestina produziam açúcar com força de trabalho mista, composta de escravos, condenados e trabalhos mistos. Com a tomada da Palestina pelos turcos, a produção de cana, no início de 1300, passa para a ilha de Chipre, onde mercadores italianos e dirigentes locais usavam mão-de-obra escrava e trabalhadores livres.

O rastro do açúcar prosseguia de Chipre para a ilha de Creta, e depois para a Sicília — que já produzia desde o ano 1000. Da Sicília, chegava à Espanha, também em 1300. Em 1400, a cana-de-açúcar chegava à província atlântica portuguesa do Algarve. Os mercadores italianos apressaram-se na modernização da produção de açúcar na ilha da Madeira, em 1450 — tornando-a no final do século a maior produtora da Europa. A ilha da Madeira foi logo substituída pelas ilhas Canárias. A última ilha a entrar em produção — por pouco tempo — foi a de São Tomé, na costa da África, com 2.000 escravos em 50 engenhos, em 1550. Logo ela se tornava simples entreposto de escravos.

Nem sempre eram escravos que produziam. “Mas a identificação do açúcar com a escravidão estava bem estabelecida muito antes da conquista para a América”, informa o historiador Herbert S. Klein¹¹. “As técnicas de produção de açúcar e a agricultura de plantação com mão-de-obra escrava desenvolvidas nas ilhas atlânticas, e mais tarde no Novo Mundo, tiveram origens no Mediterrâneo Oriental e na baixa Idade Média”, completa. Agricultura de plantação significa agricultura comercial, de quantidade, com técnicas e organização do trabalho próprias.

Era “normal”. Se não fosse na América, seria em outro lugar

As coisas estavam finalmente maduras. Se não fosse descoberta a América, o grande cataclismo da escravidão seria na Europa ou na África. Não por um fatalismo histórico, um determinismo inevitável, mas porque seria consequência inevitável da mentalidade dominante da “civilização ocidental cristã” da época, que aceitava a existência da escravidão e de uma série de outros valores anti-evangélicos, e que organizava a vida econômica, política, jurídica etc., em função desses valores.

É preciso que não sejamos indevidamente indulgentes conosco também. A própria Igreja, preocupada com os muçulmanos, através da bula *Dum Diversa*, de 1442, do papa Nicolau V, outorgou a Afonso V, rei de Portugal, o direito de “atacar na costa da África os infiéis, pagãos ou sarracenos, escravizar suas pessoas e apropriar-se de seus bens”¹². Foi o cheque em branco de mais alto valor preenchido na história, depois, por nações “católicas” e “não-católicas”. Não foi o único erro cometido. Em outra oportunidade trataremos de mostrá-los em função de uma preocupação: o papel futuro da Igreja, sua grande missão, para o qual se deve preparar devidamente.

Assim, aquilo que poderia ter sido maravilhoso com a descoberta da América, do contato com suas velhas e culturalmente ricas civilizações, tornou-se, ao contrário, catástrofe para milhões de índios e negros. Pode-se até dizer que os negros ainda “tiveram sorte” (entendam-me bem!) de seus povos não terem sido quase totalmente eliminados como os milhões de índios da América. Mas os números não tinham mais a partir de então possibilidades de comparações com

mobilizações de quaisquer outros povos do mundo. Eram altos demais. O número de africanos mortos na captura ou escravizados só teria comparação, mais tarde, particularmente, com os números de mortos das Guerras Mundiais provocadas pelas nações “cristãs”.

As Guerras Mundiais foram o alto preço pago pela Europa em função da escravidão. Mas não foi “castigo”, vingança sobrenatural, nada. Foi consequência de sua incapacidade ou falta de disposição de se livrar de valores e dispositivos políticos, religiosos, ideológicos e culturais errados mas cuja vigência era considerada “normal”. Valores e dispositivos que no passado haviam considerado “normal” a escravidão (apesar de anti-evangélica); “normal” pensar na existência de homens inferiores, que mereciam ser escravizados em função de herança biológica;¹³ ou merecem viver separados dos brancos (*apartheid*); “normal” eliminar o contrário; “normal” a guerra de conquista e o atendimento a interesses nacionais ou grupais a qualquer preço; “normais” leis, instituições civis ou militares, feitas ou agindo em função desses valores etc. ■

1. Basil Davidson. *Mãe Negra*. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
2. Idem.
3. Idem.
4. Herbert S. Klein. *A escravidão africana/América Latina e Caribe*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
5. Idem.
6. Basil Davidson. Op. cit.
7. Joseph Ki-Zerbo. *História da África negra*. Publicações Europa/América, Portugal.
8. Basil Davidson. Op. cit.
9. Joseph Ki-Zerbo. Op. cit.
10. Herbert S. Klein. Op. cit.
11. Idem.
12. Décio Freitas. *Escravos e senhores de escravos*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.
13. Ronaldo Vainfas. *Ideologia e escravidão/Os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial*. Petrópolis, Vozes, 1986.

Aluguel nos cortiços: "Um deus-nos-acuda!" E as autoridades nada fazem

Ana Valim

Nos porões mofados do centro da grande cidade, nos velhos prédios e casarões, nas periferias e favelas, debaixo dos viadutos parece emergir uma enorme panela de pressão, cuja válvula de escape, ainda em funcionamento, impede que a panela estoure — ora o resto de feira e dos mercados, ora roupas e calçados usados coletados e distribuídos por entidades de caridade, ora um donativo, ora uma esmola dada por um transeunte. Mas até quando o ser humano consegue sobreviver em situação pior que a de animais? Se providências não forem tomadas em favor das classes sociais mais baixas é possível que esta panela venha a explodir — a longo, médio, ou a curto prazo, nunca se sabe — e jogar para cima as mazelas da subvida.

Apesar das promessas e das contínuas reivindicações da população sem casa, o problema de falta de moradia na cidade de São Paulo, ao que parece, não tem solução. As habitações construídas pelo governo são insuficientes para atender aos que procuram um lugar para morar. Dados da Prefeitura indicam que na capital paulista mais da metade da população reside em condições precárias, embora castigada pelo aumento abusivo do aluguel, que em geral supera a renda da família, sobretudo das mais pobres. E não há mais a quem reclamar.

O que esperar de uma população de milhões de pessoas, cujo direito básico de morar é negado?

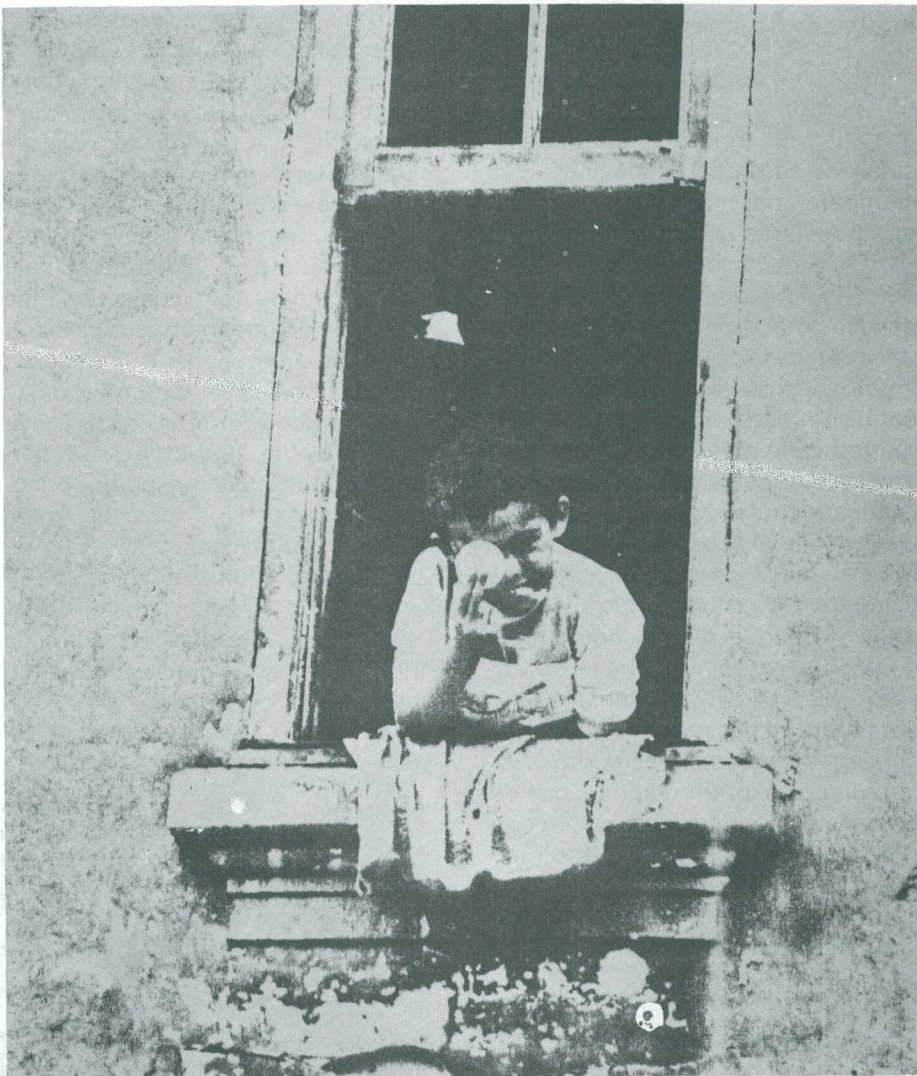


FOTO: DOUGLAS MANSUR

Pela cidade, sinais de insatisfação popular continuam a pipocar, através das inúmeras ocupações de terrenos públicos e particulares ociosos, prática que vem se expandindo por todo o País. No Estado de São Paulo, segundo o Movimento de Luta pela Moradia, há seis ocupações urbanas envolvendo mais de 10 mil famílias sem teto. Na zona Leste, no mês de fevereiro, 5.000 famílias

ocuparam parte da antiga fazenda da Juta, em Sapobemba. Destas, segundo informações, 300 estão ameaçadas de despejo, por atraso de pagamento do aluguel, que de Cz\$ 2 mil passou para Cz\$ 6 mil mensais, na maioria dos casos. Porém, independentemente das necessidades e angústia da população, os ocupantes foram retidos por um grande aparato policial.

Morar, um direito

Morar não é um sonho a ser realizado, é um direito do povo. Um direito que, segundo o advogado Miguel Reis Afonso, da Pastoral da Habitação do Brás, vem sendo violado por leis que não garantem o bem-estar da população; ao contrário, permitem o aumento abusivo dos aluguéis e possibilitam a especulação, corrupção imobiliária, que castigam com maior rigor as camadas populares de baixa renda.

Em São Paulo, onde 27% da população, ou seja, 2,97 milhões de pessoas moram em cortiços (dados da Prefeitura publicados em julho/86), um quarto em precaríssimas condições, no bairro do Brás — 2x2 metros, com menos de 1,70 metros de altura e inclusive sem janelas — é alugado, em média, por Cz\$ 4 mil, o que já supera, por incrível que pareça, a renda de grande parte dos usuários. Já no bairro do Bixiga, o preço do aluguel de um cômodo, em condições razoáveis, chega ao absurdo de Cz\$ 15 mil mensais (isto em fevereiro passado). E quem não consegue pagar simplesmente é extorido pelos intermediários, que de acordo com depoimentos dos encortiçados enriquecem à custa da exploração, sem limites, dos inquilinos, amontoados pelos prédios e casas, a maioria caindo de podre, espalhados pela cidade.

Somente na região central do bairro do Brás existem cerca de 400 cortiços, onde aproximadamente 40.000 pessoas se amontoam — este é o termo certo para definir a situação anti-humana em que vivem.

A questão é saber por que as autoridades permitem que prédios sem a mínima infra-estrutura sejam habitados, e o que é pior — sejam alugados. Há denúncias de que a transação imobiliária nos cortiços envolve de investigadores de polícia a advogados, com o apoio de policiais militares.

Cena chocante

A região central do bairro do Brás é tomada por cortiços. Basta abrir uma das centenas de pequenas e deterioradas portas para deparar-se com a vida, em estado de putrefação aparentemente irreversível.

Uma porta se abre, e um cheiro de mofo, misturado a esgoto, entra pelo nariz, um alarido de vozes e sons confundem os ouvidos. Rostos anônimos e sofridos, às dezenas, às centenas, apontam nas inúmeras portas que formam o corredor de paredes úmidas, minadas pela água que corre do encanamento estourado, ou pelo entupimento do esgoto do quarto de cima, ou do lado. As cenas do filme "Os miseráveis", inspirado na obra de Victor Hugo, perdem de longe. É a miséria ao vivo, sem rodeios. Nos quartos rosa-choque, muitos com não mais de 2x2 metros, adultos e crianças tentam dividir o espaço, numa luta desleal pela sobrevivência. A maioria de origem nordestina, seguida de mineiros.



FOTO: DOUGLAS MANSUR

Nos corredores escuros e sem fim dos cortiços, o ar rareia, a vida se deteriora e os bolsos dos sublocadores engordam.

No início de fevereiro, quando esta reportagem foi feita, a preocupação dos inquilinos era já o anunciado aumento do aluguel. "Nem sei como vai ser quando o homem aumentar de novo o aluguel. Estão falando que já vai ser agora em fevereiro. A gente está pagando Cz\$ 2 mil e se for para Cz\$ 4 mil, como estão dizendo, eu não sei o que vai ser de nós" — diz Antônia dos Santos, 26 anos, baiana, mãe de três filhos, grávida, cujo marido recebe Cz\$ 4 mil mensais como vigia noturno.

A situação de Antônia não difere em muito dos outros moradores do cortiço: às vezes é até menos ruim. Alzira Ferreira Torres, 25 anos, mora em um cômodo com seus dois filhos, grávida do terceiro, e paga pelo quarto Cz\$ 2.500 "por enquanto" — o aluguel nos cortiços, segundo os moradores, sobe quase todos os meses; depende do intermediário, porque não existe um contrato legal, o acordo é "de boca". Como ajudante geral num frigorífico, Alzira, abandonada pelo companheiro, consegue um salário de Cz\$ 6.200 mensais, gasta Cz\$ 3 mil com alimentação — arroz, feijão e carne, quando aparece. Se aumentar o aluguel... "Não sei, não sei", aliás é este o lamento dos encortiçados, desprotegidos das leis e expostos à ação dos intermediários.

"Se o preço do aluguel subir mesmo, a partir de março, nós vamos comprar uma lona e ir para debaixo do viaduto" — a saída é de Severina Eugênia da Silva, que veio do Nordeste há seis meses e, segundo diz, passará a pagar Cz\$ 6 mil por um cômodo contra uma renda mensal de igual valor que o marido, carpinteiro, recebe.

E enquanto os inquilinos se viram de todo jeito para garantir o lugar, os sublocadores continuam subdividindo os quartos. Para se ter uma idéia da ganância destes indivíduos, num dos cortiços do Brás, instalado num antigo prédio onde



FOTO: DOUGLAS MANSUR

funcionava uma escola, há nada menos de 80 cubículos alugados, em média de Cz\$ 2 a Cz\$ 4 mil mensais. Além dos quartinhos do porão (antigamente, quem sabe, esconderijo de ratos), outros foram improvisados com o corte pela altura dos antigos cômodos da escola: assim, o assoalho de madeirite de um é o teto de outro — uma ameaça constante contra a vida dos moradores, um crime premeditado.

As autoridades, porém, segundo os encortiçados, nunca aparecem, a não ser algumas viaturas da polícia militar que estacionam do lado de fora, até que o intermediário faça por conta própria, em geral armado, o despejo daqueles que não conseguiram pagar o aluguel da "troca".

De acordo com o advogado da Pastoral de Habitação do Brás, Miguel Reis Afonso, vem crescendo sensivelmente o número de casos de despejos. Atualmente estão registrados 50 processos judiciais contra moradores com aluguel atrasado.

Por outro lado, segundo o advogado, muitas vezes o intermediário recebe o dinheiro do aluguel e deixa de repassar a parte do proprietário, que por sua vez age diretamente contra o inquilino, na grande maioria dos casos sem recorrer à Justi-

ça. Ou ainda, proprietários e sublocadores pressionam o morador para desocupar o cômodo e assim poder alugar por valor ainda mais elevado.

A exploração dos sublocadores sobre os inquilinos de cortiços é geral em toda a capital paulista. No bairro do Bixiga, por exemplo, um intermediário chega a pedir Cz\$ 15 mil de aluguel por um cômodo, considerado "nobre".

"Só pra dizer que a gente está debaixo de um teto", argumenta a esposa de José Muniz, um aposentado que mora em um quarto num cortiço da Bela Vista, com mais outras 16 famílias. Aposentado, ele recebe Cz\$ 5 mil e paga Cz\$ 1.300 de aluguel, embora o aumento já tenha sido anunciado. As famílias dividem dois banheiros, um chuveiro, dois tanques. "O negócio é fazer fila", reclamam as mulheres.

"A gente só continua aqui porque é pobre e não tem para onde ir", assegura o cozinheiro Gregório Pablo, que aluga um quarto por Cz\$ 2 mil, mas que acaba indo para Cz\$ 3.500 com água e luz. O cômodo está quase caindo, as paredes molhadas devido a vazamentos no encanamento dos quartos de cima, mas o sublocador não permite refor-

mas. "E se a gente esperar casa do Jânio — ironiza o morador —, morre mesmo".

Nada de reforma

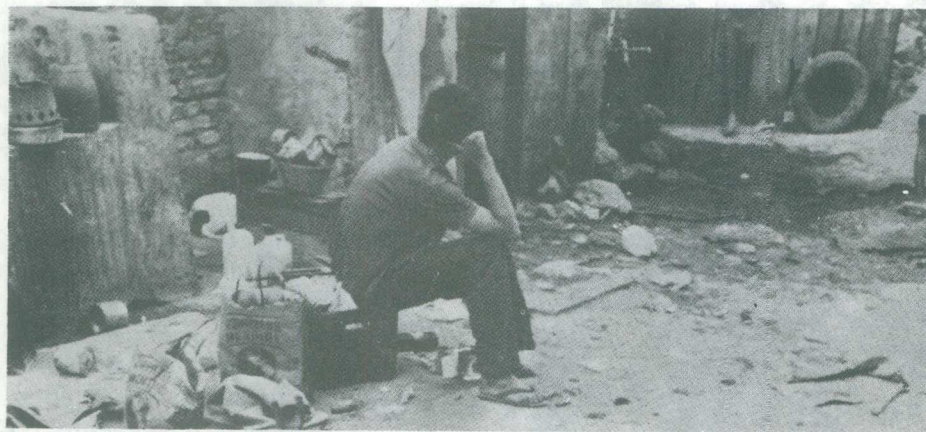
Como afirmou a coordenadora da Pastoral da Habitação do Brás, irmã Miriam França Miranda, a sublocação de um prédio de cortiço é uma forma transitória de renda para os intermediários. Inclusive, no Brás, muitos prédios estão sendo vendidos para empresas que deverão se instalar no local e, obviamente, remover os encortiçados.

Para o advogado Miguel Reis Afonso, da Pastoral, todo esse quadro de exploração imobiliária tem sua causa na legislação do inquilinato: "Leis falhas que permitem a corrupção" e a ação violenta dos intermediários, que, inclusive, já tentaram, através de ameaças, impedir o trabalho dos advogados da Pastoral em favor dos encortiçados.

E como não adianta mesmo reclamar às autoridades, os moradores de cortiços do Brás recorrem ao centro comunitário, onde, segundo a assistente social Maria Sílvia Floriano Alves, são atendidos até oito casos por dia (só no período da tarde). De janeiro a novembro de 87, 1.180 pessoas passaram pelo centro, com reclamações que vão desde problemas familiares, desemprego, falta de documentação, denúncias de violência por parte dos intermediários, ou entre os próprios moradores, até ameaças de despejos, entre outras.

Para atender às mães mais carentes que trabalham fora, o centro comunitário mantém uma creche para 120 crianças, com o apoio da Prefeitura e de entidades, um pingo d'água num mar de mais de mil crianças abaixo de sete anos que, abandonadas em meio ao ambiente de putrefação dos cortiços, desde cedo convivem com o submundo da miséria, da fome e da violência. ■

O que é optar pelo pobre?



Encontro dos bispos em Puebla, no México, em 1978, foi um marco oficializador do novo trabalho que setores da Igreja vinham desempenhando. Oficializou a "opção pelos pobres". Este novo enfoque do trabalho eclesial quis ser um apoio à luta pela libertação das chamadas "classes dominadas". A Igreja passou a ser a voz e vez daqueles sem voz e sem vez.

A pobreza sempre foi pregada como o caminho apontado por Jesus para se alcançar o Reino de Deus. Muitas vezes, porém, esta pregação serviu para esconder e até legitimar a realidade injusta que gera a pobreza e a miséria. Afinal, "felizes os pobres porque deles é o Reino dos Céus", diziam aleatoriamente alguns. Não percebiam ou não queriam perceber o fenômeno da pobreza como fruto de instituições iníquas que promoviam e ainda promovem as desigualdades, relegando uns ao sofrimento do abandono e da privação. Por outro lado, ao optar pela causa do pobre, outros faziam dela o objeto de sua autopromoção, de seu discurso apenas, "assumin-do" a personalidade de "bom samaritano". Optar pela causa do pobre não pode ser, jamais, atitude de paternalismo ou de vanglória. É antes uma atitude profética que visa unicamente a liberdade de toda pessoa,

atitude de pobre que expõe a própria vida. Optar pelo pobre resume-se na atitude do Deus que se despojou de toda a sua majestade e glória e fez-se pequeno, o menor entre os menores, na pessoa de Jesus (Fl 2,6-8).

Como discípulo deste Mestre, até que ponto aquele que opta pela causa do pobre faz dela a sua causa? Até que ponto ele tem coragem suficiente de ser tão pobre a deixar de lado até mesmo a própria opção, seu nome e aparato jurídico, econômico, religioso, ou até mesmo a sua vida? Enquanto não há privação é fácil sustentar a opção. Mas, como optar e ser um daqueles pobres, imensa maioria, anônimos, sem voz alguma, crucificados? Daqueles que têm seu destino selado em prisões, manicômios, asilos? Ou daqueles que têm a violência encravada em seu corpo. Falar de opção pelo pobre exige profunda conversão de vida e inversão de valores, exige uma atitude cordial que mostre ao mundo uma esperança maior, aquele "tesouro escondido", não exprimível em palavras, mas atuante e presente. Aquele que opta pelo pobre encontra este tesouro, torna-se pobre. Sua presença é por todos esperada. Pois ela "derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humilhados". ■

Frei Márcio

AM RESPONDE

Do que se trata? — Com este número de nossa revista estamos iniciando com nosso colega Pe. Mauro Z. Custódio uma página mariana permanente. E a segunda parte desta página, sob o título de "AM responde", tentará ser um diálogo simples e fraterno com nossos leitores sobre temas marianos.

Nosso povo, além de uma grande devoção a nossa Senhora, tem também muitas dúvidas a esclarecer sobre o assunto. Nada melhor do que este mês de maio, celebrando o 90.º aniversário da *Ave Maria*, dentro do Ano Mariano, para iniciarmos este intercâmbio de idéias e informações sobre a Mãe do Redentor.

Que tipo de perguntas? — Todas e quaisquer perguntas sobre Maria serão bem-vindas, mesmo que sejam simples curiosidades marianas. Curiosidade também pode ser uma forma de amor, não acham?

Como nosso espaço para resposta é reduzido, procuraremos responder de maneira rápida e simples e sempre por meio da revista, não através de cartas particulares, o que seria muito difícil.

Quando houver várias perguntas sobre o mesmo assunto, procuraremos dar uma resposta conjunta a todos os leitores, não sem assinalar os nomes dos interessados.

Estamos à sua disposição desde já. Escreva, pois sua pergunta já é uma forma de honrar a mãe do Senhor.

Pe. Manoel Müller
(missionário claretiano)

Escrever para:
AM responde
Revista *Ave Maria*
Cx. postal 54.215
01296 São Paulo - SP

NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA DE CORUMBÁ

Por volta de 1730, na região do Planalto Goiano, surge a cidade de Corumbá de Goiás, que está intimamente ligada a Maria, já que no ano seguinte ao de sua fundação é construído em um monte próximo às minas de ouro do Rio Corumbá um orago em homenagem à Virgem Santíssima, Nossa Senhora da Penha de França. Entre a pequena capela e o rio surge a povoação, sempre conseqüência do lampejo ocasionado pelo recurso aurífero, que logo escasseou, fazendo com que a população passasse a se dedicar à agropecuária, destacando-se, depois, o município pela produção de café e tabaco.

Hoje, Corumbá de Goiás tem cerca de 25.000 habitantes, dos quais cerca de 8 mil estão na sede do município. É cidade histórica do Estado de Goiás, com um ainda marcante estilo arquitetônico colonial em suas casas e edifícios. É um município essencialmente agropecuário, com destaque para o arroz, feijão e milho, além do rebanho bovino que auxilia no abastecimento da bacia leiteira de Goiânia-Anápolis-Brasília. Possui ainda o município uma importante indústria de cimento, sendo um dos maiores produtores do país, por causa de suas grandes reservas de calcário.

Na cidade, o grande templo em homenagem a Nossa Senhora da Penha de França é o mais belo e importante edifício. Concluído em 1854, sua construção teve início na segunda metade do século XVIII, destacando-se entre as mais belas igrejas antigas do Estado de Goiás. A imagem de Nossa Senhora, segun-



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha de França.

do a tradição, foi esculpida na Europa em uma única peça de madeira, possuindo mais de 2 metros de estatura, sendo considerada pelo Patrimônio Histórico como a mais bela imagem da Virgem, encontrada em Goiás, e que foi trazida para Corumbá em 1756, pelo português Antônio José de Campos.

A festa em homenagem a Nossa Senhora da Penha é realizada no dia 8 de setembro (Natividade de Nossa Senhora) e atrai milhares de devotos e romeiros que à cidade acorrem para render seu culto à Virgem. Nesta festa acontecem as famosas "Cavalhadas de Corumbá de Goiás", consideradas o mais famoso evento folclórico do Estado, primando a de Corumbá pelo esmero das vestimentas e da montaria e pela organização dos festejos.

Corumbá de Goiás é uma cidade de pessoas muito religiosas e que conserva suas tradições culturais e religiosas. Destacam-se os movi-

mentos religiosos antigos e novos, que realizam grandes trabalhos junto à comunidade, como o Apostolado da Oração, Irmandade do Santíssimo, Vicentinos, Legião de Maria e Focolari, todos ativos e atuantes.

É uma cidade onde a cultura é marcante, haja vista ser terra de escritores e músicos. Nasceram ali Bernardo Élis e José J. Veiga, dois escritores que se destacam nos cenários nacional e internacional.

A Corporação Musical "13 de Maio" é a mais antiga banda de música do Estado de Goiás. Fundada em 1890, continua ativa, com cerca de 40 elementos, principalmente jovens, a perpetuá-la na história da cidade, e se apresentando nas principais festas locais e em outros municípios.

Distante 47 km de Arápolis, 105 km de Goiânia e 120 km de Brasília, Corumbá de Goiás está ligada a estas cidades por asfalto. É bem

CIMI rebate acusações do presidente da Funai

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em nota distribuída à imprensa a 11 de março, rebate as acusações dirigidas por Romero Jucá Filho, presidente da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), contra missionários que trabalham em áreas indígenas. Este é a íntegra da nota do CIMI, que também aborda a expulsão de vários religiosos de algumas áreas indígenas:

“Uma sórdida campanha para atingir pessoas e entidades solidárias aos povos indígenas foi desencadeada pelo presidente da FUNAI, o Sr. Romero Jucá Filho, lançando calúnias e denúncias infundadas através dos meios de imprensa, e acionando medidas policialescas contra indigenistas, missionários, antropólogos, médicos e enfermeiros que atuam nas áreas indígenas.

Quatro irmãs religiosas do Conselho Indigenista Missionário que trabalham com os Maxakali, em Minas Gerais, foram acusadas de incitar os índios ao consumo alcoólico. Por acusação idêntica, o antropólogo Gilberto Azanha, do Centro de Trabalho Indigenista-CTI, foi agredido e injustamente preso quando retornava de uma visita aos Kraho, em Goiás.

Inúmeros missionários já foram expulsos das áreas indígenas localizadas na fronteira norte: Marlete e Silvio Cavuscens, que atuavam no Vale do Javari (AM); Doroti e Egidio Schwade, entre os Waimiri-Atroari (AM/RR); e, mais recentemente, 5 religiosos da diocese de Roraima que assistiam os Yanomami e Macuxi. Igualmente, os 2 médicos da Comissão para a Criação do Parque Yanomami - CCPY foram forçados em agosto último a retirar-se da região.

Nos últimos dias, o Sr. Jucá Fi-

lho voltou à carga acusando os indigenistas da operação Anchieta-OPAN, Inês Hargreaves e João Dal Poz, de abuso sexual e exploração dos índios, valendo-se de um documento datado de 1983, assinado por 59 garimpeiros, entre os quais o técnico em mineração Tibor Paal, húngaro naturalizado, que explorava o garimpo Ouro Preto encravado na área indígena Aripuanã (MT). Com evidente leviandade, a FUNAI, em nota à imprensa, atribuiu aos índios Arara, Gavião e Surui a autoria das injúrias ali contidas. Em seguida, o presidente do órgão tutor ameaçou retirar das áreas indígenas todos os indigenistas da OPAN.

Por fim, a FUNAI quer usar até o Programa de Combate à AIDS, do Ministério da Saúde, para confinar a ação dos missionários comprometidos com a causa indígena. Arditosamente, o plano da FUNAI para combater a AIDS omite a presença de milhares de garimpeiros, madeireiros e grileiros que, em razão da proposital ineficácia governamental, continuam ocupando e explorando as terras indígenas e indiscriminadamente contaminando os índios — gripe, sarampo, tuberculose, doenças venéreas etc.

Doenças. Em síntese, com a intenção de difamar e aviltar a honra de pessoas e entidades que comprovadamente têm defendido os direitos dos povos indígenas, as declarações espalhafatosas e imprudentes do Sr. Romero Jucá Filho encobrem a política antiíndio do órgão indigenista e os desmandos administrativos do seu presidente. Na administração Jucá, a FUNAI limitou drasticamente os recursos para a assistência aos índios, provocando assim uma queda significativa na qualidade dos serviços de saúde e edu-



Imagem de Nossa Senhora da Penha de França, do século XVIII. Corumbá de Goiás-GO.

servida de telecomunicações, possuindo telefone DDD/DDI e televisão via satélite para recepção de 4 redes nacionais de TV. É também bem servida de escolas de 1.º e 2.º graus, espalhadas por todo o município, que tem área de 2.998 km².

Outro aspecto importante de Corumbá de Goiás é o turismo, cuja principal atração é a Cachoeira do Salto, localizada numa região pitoresca e própria para camping.

É pois uma cidade agradável, de excelente clima, e sempre acolhedora às pessoas que queiram conhecer e gozar de um relax sadio nesta região de Goiás.

Marcos Fernando de Assis
(leitor da revista *Ave Maria*)

Nota:

Prezado leitor, se a sua cidade, de alguma forma, tem o nome relacionado com o nome de Nossa Senhora, mande dados, fotos e informações da mesma para a revista *Ave Maria* e serão publicados.

cação, prestados às comunidades indígenas.

Quase um terço da população Surui (RO) padece de tuberculose, doença que já atinge também os vizinhos Cinta Larga, Zoró e Gavião. Em contrapartida, cresceram as verbas para publicidade e aumentaram os quadros burocráticos, transformando a FUNAI num imenso 'cabinete de empregos'.

Ao lado disso, o órgão indigenista vem oficializando o saque às riquezas naturais das terras indígenas. No ano passado, diversos contratos com firmas madeireiras foram assinados, totalizando cerca de 200 mil metros cúbicos de toras, e algumas grandes empresas de mineração, como a Paranapanema e a GoldAmazon, foram contempladas com acordos para a exploração de jazidas de ouro e cassiterita na região Amazônica. A convivência do órgão tutor permitiu também o funcionamento de vários garimpos nas áreas indígenas, como o garimpo Ouro Preto, na área Aripuanã (MT), cuja reabertura foi promovida pelo assessor da presidência da FUNAI, Francisco de Assis da Silva, causando danos irreparáveis à comunidade Cinta Larga que ali vive.

Os prejuízos causados à administração pública e às comunidades indígenas obrigaram, finalmente, o Tribunal de Contas da União a emitir uma repreensão à atual gestão da FUNAI, considerando-a incapaz e perdulária.

Não se pautando por critérios de moralidade administrativa e cada vez mais distanciada de suas funções precípuas de proteção aos índios e ao seu patrimônio, não causam surpresa as tentativas desesperadas da FUNAI para denegrir seus principais críticos. Em vista disso, e diante das crescentes ameaças ao destino dos povos indígenas no Brasil, estamos publicamente reafirmando nosso compromisso com esses povos, defendendo seus direitos históricos e lutando por uma sociedade livre e democrática na qual também os índios possam viver". ■

Quinhentos anos de abandono

Suely Mendes Brazão



Xá icú ocaÿma! Xá icú ocaÿma!

Este é o grito que se tem ouvido nas matas brasileiras das regiões Norte e Centro-Oeste, onde se concentra o que resta de nossas populações indígenas.

O grito nada mais é do que um pungente e dramático apelo de nossos índios, nossos irmãos também brasileiros — é bom não esquecer —, que significa: "Estamos sem casa! Estamos sem abrigo!"

Na época de nosso Descobrimento, as nações indígenas autóctones somavam alguns milhões, espalhados tanto na faixa litorânea co-

mo no interior. O branco invasor, considerando "inferior" seu estágio cultural (alguns viviam ainda na idade da pedra lascada; a maioria, na idade da pedra polida), logo viu naquelas populações um meio de lucro: os índios, na sua simplicidade e ingenuidade hospitaleira, encantados com as quinquilharias barulhentas e cintilantes trazidas pelos conquistadores — cacos de espelho, pentes, pedaços de vidro —, poderiam ser facilmente dominados e escravizados. Estaria, pois, resolvido o problema de mão-de-obra para a implantação da economia colonial extrativista (de produtos naturais e seres humanos...).

Mas a vida indígena não era assim tão "primitiva". As tribos possuíam organização política e social, religião, arte, costumes, instituições e mesmo uma economia básica. Os índios tinham, efetivamente, uma cultura, que não podia desaparecer, ser extinta repentinamente, substituída por outros valores impossíveis de ser assimilados de uma hora para outra, ou sequer ser destruída pura e simplesmente.

E assim as incipientes armas de fogo do século XVI falaram mais alto: as flechas, arcos, lanças, tacapes e sobretudo a coragem e a valentia de nossos habitantes naturais não conseguiram enfrentá-las com vitória.

Os índios foram humilhados, desterrados, escravizados, apesar da revolta dos padres missionários evangelizadores, que tentavam defendê-los contra o despotismo dos poderosos governadores-gerais ou

contra a ambição dos bandeirantes conquistadores.

Atualmente, quase cinco séculos após a chegada dos "descobridores", a situação do índio não mudou muito. As tribos que restaram — hoje o Brasil possui apenas cerca de 220 mil índios, ou 0,17% de sua população — continuam marginalizadas, espoliadas, oprimidas e principalmente massacradas. Não são raros, no Brasil de nossos dias, os assassinios em massa de certas populações indígenas, executados por garimpeiros, posseiros, fazendeiros e empresas mineradoras. O objetivo é sempre o mesmo: eliminando-se os índios, ou empurrando-os para além das terras por eles ocupadas, as pro-



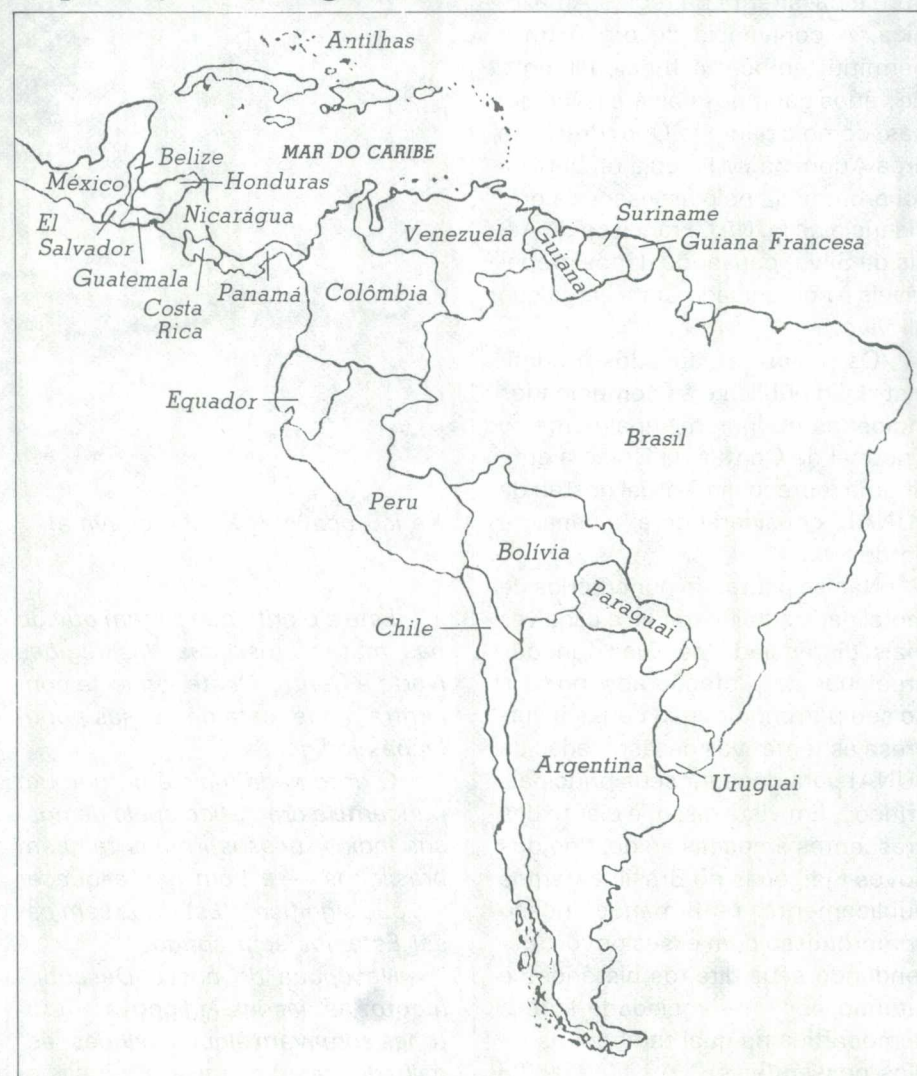
Porcentagem sobre a população

País	Total	Númerc de indígenas
El Salvador	40.00	10.288.850
Argentina	0.66	197.500
Bolívia	65.90	4.283.200
Brasil	0.17	220.000
Colômbia	1.50	500.000
Costa Rica	1.00	32.240
Chile	5.50	925.000
Equador	40.00	3.340.000
El Salvador	5.60	293.000
Guatemala	59.00	4.200.000
Honduras	6.00	245.520
México	30.00	23.500.000
Nicarágua	5.00	152.000
Panamá	5.80	126.468
Paraguai	1.92	66.662
Peru	55.00	10.288.850
Uruguai	—	—
Venezuela	2.00	331.929
Antilhas	0.18	215.000
Guiana	2.30	38.387
Suriname	0.80	4.652

Total	—	48.960.406
-------	---	------------

Nota: Mais de 90% do total dos indígenas da América Latina vivem em 6 países: México, Guatemala, Equador, Peru e Bolívia.

População indígena da América Latina





priedades se expandem, crescem e enriquecem cada vez mais alguns poucos, à custa do sacrifício e da morte de muitas pessoas indefesas.

A questão da demarcação das terras indígenas, embora urgente e necessária e tendo o apoio de algumas faixas de nossa população, ainda não mereceu uma lei que a regularize, pondo fim a essas disputas indecorosas e violentas. E assim o problema continua, sem que ninguém, nem mesmo os órgãos governamentais destinados a cuidar das questões indígenas, tome uma concreta e positiva providência.

Nada mais oportuno, portanto, do que chamar — ainda uma vez!... — a atenção nacional para o sofrimento desses brasileiros na semana a eles destinada pelo calendário: a Semana do Índio, que transcorre anualmente entre 19 e 26 de abril.

Que se faça alguma coisa por essa fatia da nossa população. Que se procure resolver, após quinhentos anos, os problemas sérios que enfrentam. Que se preserve sua cultura, hoje esquecida e ridicularizada. Que cessem as atrocidades cometidas contra esses nossos irmãos. Que se dê a eles o que lhes pertence por direito, antes que se extinga por completo o grito de:

Xá icú ocaÿma! Xá icú ocaÿma!



Se você

*... ama ao Senhor Jesus,
... quer que Ele seja o centro e o cume de sua vida,
... se sente atraída pelo exemplo de São Francisco e Santa Clara de Assis,
... quer conhecer a vida contemplativa das Irmãs Clarissas,*

**escreva para
Mosteiro Nazaré**

Tel. (0492) 22-2958
88.500 - Lages - SC

JOVEM, DEFENDA MINHA DIGNIDADE E MEU VALOR!!!

Acreditamos no direito que a mulher tem de ser e viver como pessoa, imagem de Deus.

Nós temos este Ideal:

— Seguir Cristo Redentor e atender ao clamor das jovens e mulheres marginalizadas.

**VOCÊ QUER SE
JUNTAR A NÓS?**

**IRMÃS OBLATAS DO
SANTÍSSIMO REDENTOR**

**Escreva para o Centro Vocacional:
Rua Acuruí, n.º 552
Vila Formosa
03355 - São Paulo (SP)
Tel.: 295-9069**

SIM, EU TAMBÉM VOU SER PADRE



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

PADRES DE SION

INFORMAÇÕES

**Secretaria do Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 444
Fone: (011) 63-7489
04207 - São Paulo, SP**

Alcoolismo: tratável em duas semanas?

Acostumados a internações de até meses, que inclusive não dão certo "porque o tempo foi pouco", os brasileiros não concebem ser possível recuperar um alcoólatra em apenas duas semanas.

Existem muitas pessoas que acham que duas semanas (o tempo que um alcoólatra fica internado na Chácara Reindal) é muito pouco para recuperar um doente alcoólatra.

Elas têm essa impressão por causa de um conceito errado. Acham que o alcoólatra bebe por causa de seus problemas psicológicos e que estes demoram muito mais que duas semanas para serem trabalhados e superados. Implícita está a suposição de que o tratamento do alcoólatra visa desvendar e resolver os problemas psicológicos do alcoólatra. Mas não é isso que se faz em um tratamento especializado de alcoolismo.

Em primeiro lugar, porque um alcoólatra não bebe devido a seus problemas psicológicos. Ele tem problemas psicológicos porque bebe. A raiz do problema é o beber e não os problemas psicológicos.

Assim sendo, o que tem que ser eliminado é o beber e não os problemas psicológicos. Ora, por ser algo que a pessoa precisa *deixar* de fazer ao invés de algo que deva fazer, a duração do tratamento mesmo é para o resto da vida. Não são duas semanas, nem dois meses, nem dois anos. Se o alcoólatra voltar a beber depois de dois anos de abstinência, logo se encontrará novamente envolvido no círculo vicioso que é o alcoolismo, bebendo mais do que nunca.

Tudo isto é explicado, inclusive com filmes, nos centros especializados que oferecem, na verdade, mais um curso educacional e de conscientização do que outra coisa.

É claro que, para se beneficiar de tal curso, o paciente precisa estar em condições de ouvir, pensar e aprender. E muitos alcoólatras, com os cérebros banhados em álcool há anos, não estão nessas condições. Primeiro, portanto, precisam ser desintoxicados, para remover a droga de seus cérebros e corpos. Essa desintoxicação normalmente demora 3 ou 4 dias apenas e também é feita nos centros especializados.

Uma vez que o alcoólatra esteja desintoxicado, estaria em condições de ser educado, não fosse por uma coisa: sua negação, que não lhe permite ver a gravidade de sua situação. Assim sendo, a negação também precisa ser eliminada, outra coisa feita em centros especializados com técnicas especiais que fazem parte da terapia de grupo.

O alcoólatra também precisa entender que existem duas fases na recuperação. A primeira requer parar de beber, o que ele fará no centro de tratamento. A segunda (não voltar a beber) tomará o resto de sua vida, como já foi dito. Requererá certas atitudes e exercícios espirituais por parte do alcoólatra. Estas atitudes e exercícios são ensinados nos centros especializados. Nestes centros, o alcoólatra aprende a entender e pôr em prática o programa dos Doze Passos sugerido pela Alcoólicos Anônimos. Ele aprende que seu orgulho e egocentrismo são seus maiores inimigos e que a melhor maneira de combatê-los é através da prática dos Doze Passos.

Quando um alcoólatra sai da Chácara Reindal ou de qualquer ou-

tro centro especializado, ele sai "quilômetro zero": já está com fome e comendo bem de novo; está descansando e podendo dormir sem soníferos; está desintoxicado do álcool e dos medicamentos; e está educado, o que quer dizer *armado* para permanecer sóbrio o resto de sua vida. Enfim, está libertado do álcool e só voltará a beber se quiser. Se não quiser (e, comprovadamente, a maioria não quer), nunca mais beberá. Terá iniciado sua recuperação do alcoolismo, pois o álcool nunca mais lhe criará problemas.

Dizem que, para o alcoólatra, um drinque é muito e cem não bastam. Algo parecido ocorre no caso do tratamento de alcoolismo: duas semanas é bastante e cem semanas seria pouco. Em outras palavras, para quem quer parar com o sofrimento do alcoolismo, duas semanas de internação bastam. Para quem ainda não quer parar, cem semanas não bastariam. ■

Donald Lazo



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcoolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcoolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

A GUERRA DAS CRIANÇAS

*Há sinais terríveis. Devastadores, apocalípticos.
Os prenúncios são assustadores. Homens estão deixando de ser homens.
Mulheres estão deixando de ser mulheres.
A escala sinistra chega a seu ponto mais preocupante: as crianças estão deixando de ser crianças.
Daí, as coisas se tornam mais coisas. Coisificam por sua vez. E as conseqüências?
Homens estão deixando de ser homens.
O resultado não se resume apenas na dolorosa seita andrógina que mergulha na fronteira indecisa e obscura.
Fica faltando, ao todo, a firmeza, a segurança que sempre caracteriza a masculinidade do homem.
As mulheres estão deixando de ser mulheres.
Perde o mundo, assim, sua fonte mais bela de inspiração: a docilidade, a fragrância, a ternura feminina.
Chamavam-na erradamente de sexo fraco. Na realidade, trata-se de sexo frágil. E fragilidade nada tem de fraqueza. É não perder a doçura ante a amargura. É saber sorrir em meio à dor.
Hoje isto está sendo posto de lado.
Não há receio masculino da competição feminina.
Não se parou nisto, porém.
Mulheres passaram a imitar os homens.
Não nas suas poucas qualidades compartilháveis.
Mas nos seus muitos defeitos.*

*Assim é que vemos máscaras de homens em rostos de mulher.
Procedimentos de homem em gestos de mulher.
Em nome de uma igualdade necessária, partiu-se para o excesso desolador: a unicidade impossível, aos atos e pensamentos afrontosos à própria e superior condição da mulher.
Chega-se, agora, ao pior.*

*Crianças estão deixando de ser crianças.
Estão nas ruas. Crescendo no mal, enquanto corpos se estiolam na miséria e almas deixam de crescer no abandono.
O crime cresce na proporção direta da chamada civilização e na razão indireta da faixa etária.
São cada vez mais numerosos, perversos e cruéis aqueles que são pequenos nos anos de vida, e grandes na imitação, no seguimento do que de pior podem fazer os crescidos.
Dos dois sexos. Ou até dos três sexos, que a perversão adulta não se pejou de incutir nos ex-inocentes.
Não, não se trata de suja página policial apenas.
Mas de coisa mais séria. Praza aos céus que não seja irreversível.
Porque crianças estão deixando de ser crianças.
Caminham pelas sendas do mal.
Correm rumo ao abismo.
São mortas aos poucos pelo desinteresse, pela irresponsabilidade, pela injustiça.
São criados e tratados como estorvo, como coisa.
Aprendem, assim, a buscar, pela violência, aquilo a que teriam*

*direito como seres humanos.
Que deixaram de ser frágeis, embora sejam presa fraca dos que os exploram.
E contra os quais se dirige primeiro a sua revolta.
Que não pára aí igualmente.
Crianças estão guerreando crianças.
É só ver o noticiário, é só ter olhos e ouvidos para ver e escutar o clamor do asfalto e do barro da favela e da palafita.
Crianças, sem crescer em tamanho, crescem na agressão e na violência.
Contra crianças que estão em nível mais alto. Os agressores cultivam a inveja e a vingança contra os que não têm culpa da situação de desigualdade.
Os meninos investem contra todos. As meninas se vendem. Sempre há adultos podres que chegam à forma mais torpe de vilania: a reação dos pequenos vem... Está aí.
Nas brigas entre quadrilhas de pequenos, de crianças ainda.
Em que os adultos mais cruéis são os exemplos mais seguidos.
O mundo enfrenta o drama decisivo, o problema final talvez.
Porque homens estão deixando de ser homens.
Mulheres estão deixando de ser mulheres.
E porque nossos pecados dão origem ao pecado maior, imperdoável, de que grande parte da culpa é miseravelmente nossa.
Crianças estão deixando de ser crianças!* ■

José Wanderley Dias

Convivendo com as DIFICULDADES

Myrian Vallias de O. Lima

"Quando a fome bate à porta,
o amor sai pela janela"

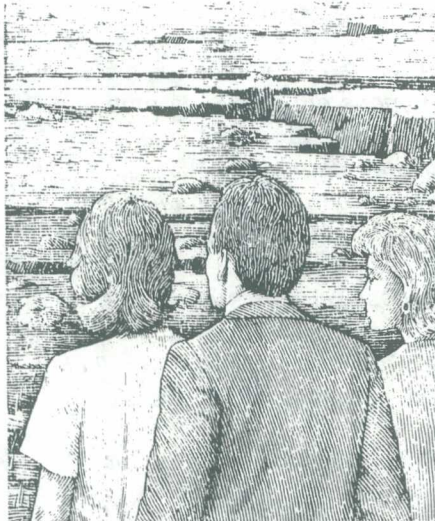
(adágio popular)

Vivemos uma época de incertezas econômicas. O planejamento dos gastos familiares é alterado a cada semana. É utópica uma programação semestral. Isto repercute, desfavoravelmente, no estado emocional das pessoas. Reflete negativamente na família.

Como suprir as necessidades biológicas suas e de seus dependentes passou a ser o questionamento básico dos pais. Não é a preocupação com o supérfluo. Esta é restrita a uma pequena parcela da população. É a preocupação com o fornecimento de um teto, da alimentação. Atendimento das necessidades primárias e responsáveis pelo desempenho fisiológico das pessoas — de sua sobrevivência.

Para se sentirem seguros, os pais têm necessidade de garantir a permanência deste básico. Daí precisam da garantia de um emprego, da certeza de que, mesmo que não possam ter sua casa própria, poderão pagar o seu aluguel. Da confiabilidade em um sistema de poupança, para que possam garantir eventualidades.

Em segundo lugar, embora devesse situar-se no mesmo plano que as anteriores, vem a necessidade de fornecer uma educação básica aos filhos. Para a classe média, é este o grande pesadelo. O custo das escolas particulares cada vez é mais incompatível com a renda familiar. As escolas públicas são insuficientes para atender até mesmo à classe mais necessitada. E as necessidades ligadas à saúde? Médico, dentista, remédios. Não há orçamento que



consiga suprir o que realmente é necessário.

Aumentam, conseqüentemente, as tensões intrafamiliares. Acontecem os desentendimentos pessoais; a agressividade se exacerba; cresce o número de casais que buscam a separação; os filhos se desestruturam. O sistema familiar é afetado. A problemática econômica gera a crise familiar, de conseqüências imprevisíveis.

— Como evitar que o caos econômico nos leve à desagregação?

1. Não perder a esperança. Buscar junto a Deus, através da oração, forças para afastar o medo e a dúvida. Como Davi (Sl 27, 1), proclamar: "O Senhor é a minha luz e a minha salvação, de quem terei eu medo? O Senhor é o baluarte da minha vida, de quem me amedrontarei?"

2. Pensar positivamente. Evitar pensamentos de auto-comiseração. Quem alimenta a pena de si mesmo acaba por não perceber alternativas para resolver seus problemas. Mantém-se passivo.

3. Não lançar sobre o cônjuge ou filhos a responsabilidade pela situação. Tampouco culpar o destino. Ou agredir a Deus. Buscar, através do

diálogo e da união familiar, recursos para enfrentar a crise. Quando todos colaboram, os obstáculos mais facilmente serão removidos, não importa de que ordem sejam.

4. Refletir sobre as necessidades familiares. Distinguir bem as reais das criadas por uma sociedade consumista. Priorizá-las. O exercício de se despojar do não necessário é altamente construtivo. Leva-nos a refletir sobre o nosso sistema valorativo. Baseia-se este no TER ou no SER? Preocupa-se com os MEIOS ou com o ESSENCIAL?

5. Exercitar a criatividade. Aprender a extrair o máximo dos alimentos. Não é vergonhoso usar sobras ou partes dos vegetais normalmente jogadas fora, apesar de altamente nutritivas (ex.: folhas de beterraba, de nabo...). Re-utilizar as roupas antigas. Usar a imaginação. Ao comprá-las, preferir coisas mais clássicas, que nunca saem da moda. Não valorizar etiquetas. Escolher com critério o que comprar e onde comprar.

6. Levantar os recursos da comunidade, para verificar de quais poderá se beneficiar (serviços de assistência médica, psicológica; instituições de ensino; de caráter assistencial).

7. Mobilizar os membros da família para que cooperem, dentro de suas possibilidades. Independentemente da idade, cada um pode ajudar. Quem não tem condições de exercer tarefas lucrativas poderá colaborar nas tarefas domésticas.

8. Mais do que confiar nos próprios recursos, confiar que Deus estará conosco em nossa luta. Não nos abandonará. Confiar na força que é gerada quando a família se congrega, quando compartilha dos mesmos objetivos. Em lugar de desagregação há um fortalecimento dos vínculos e um crescimento pessoal. ■

JANTAR SIMPLES

ENTRADA: Sopa de aveia

Rendimento: 2 a 3 pessoas

Ingredientes:

1/2 litro de caldo de carne
2 colheres (sopa) de aveia
pão torrado

1. Faça meio litro de caldo de carne.
2. Adicione 2 colheres (sopa) de aveia e deixe cozinhar.
3. Tempere a seu gosto.
4. Sirva com pão torrado.

PRATO PRINCIPAL: Carne assada de panela

Rendimento: 2 a 3 pessoas

Ingredientes:

1/2 quilo de lagarto
toucinho defumado
azeitonas
gordura
cebola
tomate
batatas

1. Limpe e lave 1/2 quilo de lagarto.
2. Com o auxílio de uma faca pontiaguda perfure a carne introduzindo pequenas porções de toucinho defumado e azeitonas.
3. Tempere e deixe repousar por uma hora.
4. Leve a carne ao fogo numa panela contendo gordura bem quente. Deixe dourar e junte aos poucos o molho em que a temperou.
5. Tampe a panela e deixe em fogo regular.
6. Pingue água aos poucos até que a carne cozinhe.
7. Quando estiver assada retire do fogo, e ao molho que se formou junte rodela de cebola e tomates em fatias. Deixe cozinhar novamente.
8. Se quiser, quando a carne estiver quase pronta, coloque 300 gramas de batatas pequenas e deixe assar.

ACOMPANHAMENTO: Salada de rúcola com molho nutritivo

Rendimento: 2 a 3 pessoas

Ingredientes:

um maço de rúcola
maionese
limão
1 cenoura ralada
2 colheres (sopa) de coalhada
ou iogurte

1. Lave bem a rúcola e disponha em uma travessa.
2. Misture bem todos os ingredientes e despeje sobre a rúcola.

(Nota: Este molho nutritivo serve para todas as saladas de folhas verdes.)

SOBREMESA: Arroz-doce

Rendimento: 3 a 4 pessoas

Ingredientes:

2 xícaras (chá) de arroz
4 xícaras (chá) de água fervendo
1 1/2 copos de leite cru
4 colheres (sopa) bem cheias de açúcar
canela em pau
canela em pó
2 gemas e casca de limão optativos

1. Cozinhe 2 xícaras (chá) de arroz com 4 xícaras (chá) de água fervendo.
2. Deixe secar e coloque 1 1/2 copos de leite cru, 4 colheres (sopa) bem cheias de açúcar e canela em pau.
3. Deixe ferver, durante 5 minutos.
4. Se quiser, adicione 2 gemas e casca de limão.
5. Polvilhe canela em pó.

São Paulo, grande catequizador

1. 3.2. A catequese aos pagãos de Atenas

Ao iniciar a reflexão deste mês, vamos ler com atenção At 17,22-31. Neste esquema da pré-evangelização de Paulo devemos ressaltar a estima que ele tem pelos valores culturais dos gregos.

Paulo fala a linguagem dos homens que quer converter. Este exemplo de aculturação (de assumir e respeitar a cultura-conhecimentos do outro) será seguido posteriormente por toda a pré-evangelização dos séculos II e III.

Aqui vai também um questionamento para os catequistas: Vocês conhecem a história dos seus catequizandos? Suas origens? Sua família? Seu ambiente?

A maior contribuição de Paulo para a catequese é sem dúvida alguma sua reflexão ou pensamento teológico, que também foi se aperfeiçoando com o passar do tempo. No ano 51 ele escreveu as duas cartas aos tessalonicenses. Sua reflexão teológica é bem marcante nas cartas às comunidades de Colossos e Éfeso.

Em sua reflexão o mais importante é sua afirmação de que todos os homens participam da salvação, tanto pela mediação de Cristo, como pela união mística com sua morte e ressurreição. Nisto de fato se realiza o plano salvífico concebido desde toda a eternidade por Deus e mantido em segredo até o dia de sua realização. Ler e refletir Efésios 1,3-14.

A teologia, ou seja, o estudo que Paulo faz de Deus, baseia-se no estudo da Salvação, Soteriologia, que supõe um estudo do homem, Antropologia, e um estudo de Jesus Cristo, Cristologia. A reflexão de Paulo



é colocada da seguinte maneira:

Antropologia: toda pessoa, criatura de Deus, encontra-se numa difícil situação. De um lado, precisa salvar-se, e por outro, está na impossibilidade de conseguir. Ler e refletir: Efésios 2,11-12 e comparar com Romanos 1,18; 3,20-23.

Teologia: diante de situação tão triste, Deus toma uma iniciativa movido por seu amor. Ler e refletir: Colossenses 2,3 e comparar com Romanos 16,25; 1 Coríntios 2,7; e Efésios 3,10.

Cristologia: envia seu Filho Jesus Cristo, ele é sua imagem, gerado desde toda eternidade: Ele é o sinal com o qual Deus imprimiu unidade à criação. Ler e refletir: Colossenses 1,15-20 e comparar com Romanos 8,28; 1 Coríntios 8,6 e Hebreus 1,2-3.

Após ler e refletir sobre esses textos, você consegue perceber por que são oferecidas aos cristãos estas maravilhosas possibilidades de salva-

ção? A leitura e reflexão de Romanos 6, 3-11, comparada com Gálatas 3,27 e Colossenses 2,12-13, vai ajudar a perceber que Jesus Ressuscitado já está realizando tudo isto, através dos Sacramentos, pois são eles os sinais visíveis, entendidos como ritos que colocam o fiel e a Igreja em contato com Ele.

Neste contato com Jesus, nós, membros do corpo que é a Igreja, participamos da sua morte e ressurreição. **BATISMO** — 1Cor 12,13, Rm 6,4-5; **EUCARISTIA** — 1Cor 10,17.

Esta sistematização de Paulo, maravilhosa pela profundidade e amplitude de sua perspectiva, foi o resultado de sua reflexão pessoal e de sua ação pastoral.

1.4. O que é DIDAQUÊ?

É o nome dado a um documento muito antigo, atribuído à primeira

comunidade cristã que dá uma visão da moral cristã da época.

Assim se inicia o texto: "Dois são os caminhos: o da vida e o da morte; mas, entre um e outro, há uma grande diferença. O caminho da vida é este: em primeiro lugar, amarás a Deus que te criou, e em segundo lugar, amarás o próximo como a ti mesmo" (Didaquê 1,1-2).

Afirmando o grande princípio das relações entre o homem e Deus e do homem com outro homem seu próximo, a Didaquê passa a explicar "o caminho da Vida" seguindo os passos do sermão da montanha.

Comparemos o texto acima com Mt 7,13-14; 22,37-39; 7,12 e vejaamos também o Antigo Testamento: Dt 6,5 e Lv 19,18.

A Didaquê é interessante também pela antigüidade de prescrições litúrgicas e morais, que contém a respeito do Batismo, o jejum, a celebração eucarística do domingo, como também por aquilo que afirma a respeito dos apóstolos, dos profetas e dos mestres.

1.5. O Evangelho de João

Outro importante documento catequético do final do primeiro século, nascido sob a influência do judeu-cristianismo, é o Evangelho de João, cujo conteúdo é superior e diferente da Didaquê.

De todo o material evangélico, João escolhe os fatos que parecem transmitir um simbolismo. Assim, por exemplo, a conversa de Jesus com Nicodemos tem uma íntima relação com a catequese batismal (Jo 3,1-21) e parece que o Batismo, enquanto é "iluminação", está descrito muito claramente na cura do cego (Jo 9,1-39) e enquanto é "ressurreição" no caso do paraplético (Jo 5,1ss).

No próximo número, apresentaremos o final desta primeira parte.

O DOMINGO

Guardar o domingo ao invés do sábado, não será desobedecer à Escritura? (2056)

(A. D. P. - Limeira, SP)



O descanso semanal constituía inicialmente um dia de descanso social, tanto entre os hebreus como entre seus povos vizinhos. Contudo, após o êxodo, este dia adquiriu um significado religioso, inserindo-se na história da salvação do povo eleito. O descanso sabático foi relacionado com a criação e a nova criação, ou seja, a eleição do povo de Israel. Quando Deus completou sua obra, viu que tudo era bom e descansou no sétimo dia. O sábado dos judeus comemorava a obra da criação do mundo, mas Deus realizou uma nova criação, libertando um povo da escravidão. Foi quando o povo pelo descanso começou a celebrar também a libertação da escravidão do opressor. Era a celebração semanal da Páscoa. Com a ressurreição de Cristo, o sábado judeu foi esvaziado para dar lugar ao domingo cristão. Os cristãos compreenderam que na ressurreição de Jesus Cristo acontecia a nova Páscoa, a Páscoa verdadeira, da qual a Páscoa dos judeus era figura e preparação. Aos poucos transformaram este dia em memorial da Morte e Ressurreição do Senhor. O domingo é de instituição apostólica, e a Igreja hoje deve respeitá-lo, pois os primeiros cristãos tinham o carisma fundacional.

"MISSA DAS ALMAS"

O porquê da missa das almas. É a melhor coisa que se pode fazer pelas almas? A pessoa que manda celebrar a missa recebe alguma graça? É uma das melhores devoções? (2057)

(T.P. - Belo Horizonte, MG, e N.R.S. — Itajubá, MG)

A oração pelos defuntos é uma tradição da Igreja. De fato, mesmo quando morre em estado de graça, subsiste no homem muita imperfeição, muita coisa a ser mudada e purificada do antigo egoísmo. Tudo isto acontece na morte. Morrer significa morrer também ao mal. É o batismo de morte com Cristo, no qual encontra acabamento o batismo de água. Esta morte vista pelo outro lado — assim crê a Igreja — pode ser uma purificação, a definitiva e total volta à luz de Deus. E a nossa oração pode ajudar esta pessoa que precisa para encontrar a Deus.

Então, uma forma de rezar pelos mortos é celebrar a eucaristia em sua intenção, mas não basta apenas mandar celebrar, é preciso a nossa participação e nossa oração. Mas não podemos dizer que isso é a melhor coisa que fazemos pelos defuntos, nem mesmo que seja a melhor devoção.

As graças alcançadas são aplicadas apenas aos defuntos. Quanto às disposições para alcançar as graças, veja a resposta da seguinte pergunta sobre as indulgências.

Luiz C. Botteon, cmf

Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.

Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta.

Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.

**Correspondência para: Equipe Consultório Popular
Caixa Postal 153 — CEP 80.000 — Curitiba (PR).**

Dirija suas perguntas para: Revista Ave Maria (Página Catequética), Caixa Postal 54.215; CEP 01296 - São Paulo (SP).

DEUS É AMOR E NÃO FAZ DISTINÇÃO DE PESSOAS

6.^o Domingo da Páscoa
08/05/88

1.^a leitura — At 10, 25-27.
34-35. 44-48

Nesta perícopes, Pedro, ao entrar em casa de Cornélio, dá um novo sentido à missão da Igreja em relação aos gentios e ressalta a ação do Espírito Santo também sobre estes. O Espírito desceu sobre todos os que ouviam a Palavra, pois Deus não faz acepção de pessoas. A comunhão com Cristo é obra do Espírito Santo.

2.^a leitura — 1 Jo 4, 7-10

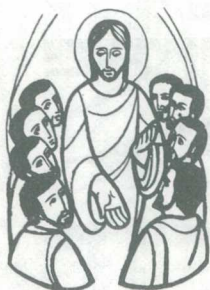
São João ressalta o preceito universal do amor. O tema central desta nossa leitura é a predileção. A ênfase maior nos é dada no amor. Deus é amor e nós devemos amar como Deus ama. Amar é participar da vida de Deus. Quem ama, conhece a Deus, revela Deus, é de Deus, está em comunhão com Ele, ama o próximo.

Evangelho — Jo 15, 9-11
Este evangelho nos fala do mandamento do amor. É evidente a relação entre a 2.^a leitura e o Evangelho. O cristão deve permanecer no amor que vem de Deus. O permanecer no amor de Cristo deve nos levar a viver uma vida plena, viver a mais perfeita doação da vida pelos "amigos", ou seja, por quem se ama verdadeiramente. O preceito de Jesus é o amor e quem não o observar não participa do seu amor.

Comentário

A manifestação do amor de Deus deve ser observada claramente por todos nós. Na 2.^a leitura, S. João expressa: "Deus é amor" (1 Jo 4,8). Estas Palavras devem nos levar a refletir na atitude de Deus para conosco. Deus manifestou seu amor enviando seu Filho ao mundo libertando-nos do pecado e dando-nos a vida em seu Filho Jesus.

O amor de Deus deve falar fundo em nós. Devemos ser totalmente de Deus. Devemos ser homens livres para que a ação de Deus se ocupe de todo o nosso ser. O amor de Deus se manifestou no amor para com todos os homens e o nosso amor deve manifestar-se no amor aos semelhantes. Quem conhece Deus faz os mesmos atos que Deus faz. Em Cristo temos a manifestação do amor de Deus. Este amor Jesus concretizou amando aos mais necessitados. Amou os pobres, os doentes, os marginalizados, os explorados, os oprimidos, os injustiçados, os pecadores. Jesus implantou o amor não só com palavras, mas com obras, com gestos concretos. Quando se vive de fato o amor é bem provável que a ordem vigente seja aba-



lada. Nós acreditamos no amor e quando damos a vida pelas pessoas que amamos corremos o risco de sermos caluniados, massacrados, injustiçados, crucificados e mortos por sermos solidários com os desclassificados, marginalizados, desvalorizados, explorados e ensinamos a todos que somos irmãos, filhos de Deus. A ressurreição é a maior prova do amor de Deus. Somente triunfam aqueles que amam a Deus. Deus é amor e é através do amor concreto que experimentamos a verdadeira Ressurreição em nosso dia-a-dia.

Dia 9, 2.^a - F.: At 16,11-15; Jo 15,26-16,4a. **Dia 10, 3.^a - F.:** At 16,22-34; Jo 16,5-11. **Dia 11, 4.^a - F.:** At 17,15. 22-18,1; Jo 16,12-15. **Dia 12, 5.^a - F.:** At 18,1-8; Jo 16,16-20. **Dia 13, 6.^a - F.:** At 18,9-18; Jo 16,20-23a. **Dia 14, SÁBADO:** At 1,15-17. 20-26; Jo 15,9-17.

O SENHOR GLORIOSO CONFIA AOS APÓSTOLOS SUA MISSÃO

7.^o Domingo da Páscoa:
Ascensão do Senhor
15/05/88

1.^a leitura - At 1,1-11

Esta leitura nos apresenta a ascensão de Jesus e a missão dos apóstolos. Os quarenta dias entre a Páscoa e a Ascensão é o período de preparação para o surgimento da Igreja. As últimas instruções de Jesus se resumem na promessa e na missão. Os apóstolos devem levar a mensagem de Jesus a todo o mundo e eles receberão a força do Espírito Santo e serão verdadeiros missionários.

2.^a leitura — Ef 1,17-23

Esta perícopes faz parte da ação de graças e súplica que Paulo faz a Deus. Ele dá graças a Deus por causa da fé e caridade dos fiéis. Ele suplica e sua súplica é uma espécie de credo cristão. Pela fé e solidariedade o cristão penetra no ser de Deus que está próximo e presente na comunidade.

Evangelho — Mc 16,15-20

Neste Evangelho Jesus aparece aos seus discípulos e lhes confia uma missão. Estes são enviados a pregar e é ressaltada a ação missionária a todas as criaturas. Esta missão é acompanhada de sinais milagrosos. No final Jesus é arrebatado ao céu e instalado à direita de Deus. É o início da pregação apostólica.

Comentário

Na primeira leitura tirada dos Atos dos Apóstolos, Lucas nos diz que Jesus provou que estava vivo. Nós cremos que Jesus venceu a morte e ressuscitou, Ele subiu aos céus, Ele se faz presente em tudo e em todos. Jesus Cristo, na hora de sua despedida, confiou aos apóstolos sua missão



e predisse o que o livro dos Atos descreve com relação a esta missão: o poder de Cristo acompanha seus discípulos na pregação. Jesus Cristo glorioso é quem dá a força aos que pregam em seu nome. Devemos estar conscientes de nossa missão e procurar trabalhar na evangelização. Há muitas pessoas que necessitam do nosso amor, do nosso apoio, da nossa doação, da nossa luta. Muitos são oprimidos por uma ordem social que quer preservar a divisão das pessoas em classes sociais. Se nós nos voltarmos para as causas dessas pessoas, se nós assumirmos um compromisso sério em favor desses necessitados, estamos fazendo o que Jesus fez: subindo ao céu, superando o pecado, as forças da morte e implantando o novo Reino prometido pelo Pai.

Todas as vezes que procurarmos vencer todo tipo de pecado, as injustiças; a morte, estamos num movimento de ascensão. Vemos que a Ascensão de Cristo ao céu nos torna encarregados da missão, à qual Ele preside em sua glória. Nós manifestamos o seu nome e os sinais confirmam o poder, que se encarna na pregação do Evangelho. O Evangelho transforma a realidade. A presença de Jesus ressuscitado aparece na justiça, na liberdade e no amor de cada pessoa.

Dia 16, 2ª - F.: At 19,1-8; Jo 16,29-33. **Dia 17, 3ª - F.:** At 20,17-27; Jo 17,1-11a. **Dia 18, 4ª - F.:** At 20,28-38; Jo 17,11b-19. **Dia 19, 5ª - F.:** At 22,30; 23,6-11; Jo 17,20-26. **Dia 20, 6ª - F.:** At 25,13b-21; Jo 21,15-19. **Dia 21, SÁBADO:** At 28,16-20. 30-31; Jo 21,20-25.

IGREJA, NOVO POVO VIVENDO A UNIDADE

Pentecostes
22/05/88

1ª leitura — At 2,1-11

Com o episódio de Pentecostes narrado nesta leitura, vemos que a comunidade cristã é o novo povo de Deus, o povo da nova aliança e a lei é o Espírito Santo. Para este povo o objetivo comum é reviver o projeto de Deus. Ao enviar seu Espírito, Deus realiza a Aliança definitiva com a comunidade cristã.

2ª leitura — 1 Cor 12,3b-7. 12-13

Esta perícopo nos apresenta o critério básico que está no reconhecimento de Jesus como sendo o único Senhor. Para Paulo a ação do Espírito leva à confissão de que Jesus é o Senhor. Muitos dons são distribuídos mas o Espírito que os distribui é o mesmo: O Espírito de Jesus. Em Deus não há divisão, mas harmonia.

Evangelho — Jo 20,19-23

No Pentecostes nós nascemos para a vida no Espírito Santo e renascemos para o projeto de Deus. Co-



mo comunidade temos a mesma missão de Jesus que é mostrar onde está a verdadeira fonte da vida e onde está a morte. Temos que promover a vida.

Comentário

Com a celebração de Pentecostes terminamos o tempo pascal. Jesus envia seu Espírito sobre os discípulos e os envia para a pregação do Evangelho e do Batismo, os envia para difundir e edificar a Igreja.

A Igreja somos todos nós vivendo a mais perfeita unidade. A unidade é um dom de Deus, é um dom que Deus oferece à sua Igreja. Nós fazemos parte desta Igreja, nós somos Igreja e por isso devemos ser conscientes e evitar tudo o que for causa de divisão porque a divisão torna a Igreja imperfeita. Temos que caminhar na verdadeira unidade, pois é isto que o Senhor quer para a sua Igreja. Se somos unidos, a nossa unidade deve estar a serviço da salvação de todos, de todo o mundo.

Jesus orou ao Pai e disse: "Pai... que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia..." (Jo 17,21). Ao trabalharmos em favor da unidade dos cristãos devemos trabalhar em favor do mundo com todos os seus problemas, a luta pelos injustiçados, os oprimidos e marginalizados, a luta pelo reconhecimento dos direitos humanos e da dignidade de todo homem, a luta contra o racismo e todas as formas de dominação. Temos que descobrir novos caminhos para a plenitude da unidade em Cristo Jesus. O Espírito é o princípio da unidade; Ele suscita uma multiplicidade de dons na Igreja e por isso temos que trabalhar pela reconciliação de todos para que todos sejam um e seja possível construir uma nova sociedade na unidade.

Dia 23, 2ª - F.: 1 Pd 1,3-9; Mc 10,17-27. **Dia 24, 3ª - F.:** 1 Pd 1,10-16; Mc 10,28-31. **Dia 25, 4ª - F.:** 1 Pd 1,18-25; Mc 10,32-45. **Dia 26, 5ª - F.:** 1 Pd 2,2-5. 9-12; Mc 10,46-52. **Dia 27, 6ª - F.:** 1 Pd 4,7-13; Mc 11,11-26. **Dia 28, SÁBADO:** Jd 17,20b-25; Mc 11,27-33.

DEUS TRINITÁRIO, O DEUS DA UNIDADE

Festa da Santíssima Trindade
29/05/88

*1ª leitura — Dt 4,32-34.
39-40*

Esta passagem é sem dúvida uma verdadeira catequese sobre o Deus de Israel. Javé, o único Deus, tira Israel do Egito, fala-lhe no Sinai e dá-lhe a Terra Prometida. Estes são os grandes feitos de Javé que o povo comemora. Para eles a total adesão a Javé é a única condição para reconquistar a Terra Prometida.



2.^a leitura — Rm 8,14-17

Nesta perícopé Paulo nos ensina que nós somos filhos, Deus é nosso Pai e o Espírito Santo é o princípio da nova vida no homem. O Espírito Santo está em nós pelo Batismo e também sua força, sua inspiração. Esta nossa filiação é expressa pelo termo “adoção” e temos o privilégio de chamar o pai da família: Abbá-Papai. O Espírito que habita em nós nos faz herdeiros da promessa.

Evangelho — Mt 28,16-20

Deus toma a iniciativa da salvação dos homens sem mesmo que eles pensem nisso e prossegue em frente com seu projeto através de seu Filho Jesus. Ao aparecer na Galiléia Jesus transmite seu poder aos apóstolos. Ele os envia em missão e promete-lhes sua presença permanente.

Comentário

Celebramos a festa da SS^{ma}. Trindade e esta é sem dúvida a festa da comunidade. A Trindade deve ser o ideal da comunidade cristã, pois é a comunhão perfeita. A Trindade é a aliança perfeita levada em plenitude. A Trindade marca a intensidade do amor de Deus. Esse amor é tão intenso que chega a ser uma auto-comunicação de Deus. Deus comunica ao homem o mistério de sua unicidade. Esse Deus único não é solitário porque Ele existe para o homem e o homem existe para Ele. Deus comunica ao homem o mistério de

sua Trindade que revela sua personalidade ativa e transformadora. O Deus Trinitário é eternamente amor que se comunica, é salvador, é santificador, é amor ativo em si e para todos nós. Esse amor ativo é independente até do pecado do homem. A unicidade e trindade são os dois mistérios de Deus comunicados ao homem no tempo, numa revelação que começa em Abraão, alcança seu ápice em Cristo e chegará à sua plenitude na visão face a face com Deus. Estamos sempre clamando por Deus. Deus está perto de nós. Deus é um de nós. Deus é um só conosco. Nós somos um só com Deus na união-unicidade do Pai, Filho e Espírito Santo. Na festa da SS^{ma}. Trindade temos de tomar consciência de que nossa história é desígnio de salvação e temos Deus por Pai e Irmão. Temos que glorificar e louvar o Deus uno e Trino. Esta festa significa o apelo da intimidade de Deus a todos os homens. Devemos nos despojar de tudo e sermos um para que toda a humanidade se torne uma verdadeira comunidade na unidade com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Dia 30, 2.^a - F.: 2 Pd 1,2-7; Mc 12,1-12. Dia 31, 3.^a - F.: prs: Sf 3,14-18 ou Rm 12,9-16b; Lc 1,39-56. JUNHO Dia 1, 4.^a - F.: 2 Tm 1,1-3.6-12; Mc 12,18-27. Dia 2, 5.^a - F.: Ex 24,3-8; Hb 9,11-15; Mc 14,12-16.22-26. Dia 3, 6.^a - F.: 2 Tm 3,10-17; Mc 12,35-37. Dia 4, SÁBADO: 2 Tm 4,1-8; Mc 12,38-44.

Helio Ap. Alves de Oliveira, cmf

RELENDO A BÍBLIA

ISAAC Nascimento e sacrifício

Norma Termignoni

Teste sua memória e os seus conhecimentos bíblicos: leia com atenção os capítulos 21 e 22 do livro do Gênesis e depois complete as palavras sobre os hifens. Em seguida procure estas mesmas palavras no quadro abaixo. Elas poderão ser descobertas em linha reta, em todos os sentidos. Para facilitar convém ir circundando a palavra encontrada. As letras podem ser usadas mais de uma vez, pois algumas palavras se sobrepõem parcialmente. Atenção: nem todas as letras são necessárias.

Escrava de Abraão, mãe de Ismael (Gn 21,9).

Deserto, pátria dos ismaelitas (Gn 21,21).

Vasilhame para transportar líquidos, feito de pele ou de terracota. Os nômades usavam o de pele por ser mais fácil de fazer e mais duradouro (Gn 21,14).

Lugar de intensa vida comunitária no deserto; dele depende a sobrevivência de homens e animais (Gn 21,25).

Multidão de gente (Gn 21,13).

Mãe de Isaac (Gn 21,1).

Lugar de sacrifício que surge desde o início da história humana (Gn 22,9).

General do exército de Abimelec (Gn 21,22).

Filho da promessa e portador da aliança (Gn 21,3).

Local do sacrifício de Isaac (Gn 22,2).

Irmão de Abraão (Gn 22,20). Possivelmente sua tribo araméia tenha dado seu nome a uma cidade (Gn 24,10).

Sendo a parte mais importante da muralha, sua possessão equivale a uma conquista (Gn 22,17).

Pai de Isaac (Gn 21,2).

Corno, aspa, grampa, ponta (Gn 22,13).

Oferecer em sacrifício (Gn 22,10).

Filho de Abraão com Agar (Gn 21,11).

O animal mais importante e principal sustento na vida dos povos pastoris (Gn 22,7).

Pacto de amor e fidelidade entre Deus e seu povo (Gn 21,27).

Habitante do Egito (fem.) (Gn 21,21).

Burrico (Gn 22,5).

Árvore ou arbusto sempre verde e duradouro; a casca é tônica e adstringente. Cresce em solos salinos (Gn 21,33).

Idade avançada (Gn 21,7).

Rei cananeu de Gerara (Gn 21,22).

Significa: "O Senhor proverá" (Gn 22,14).

Cidade do deserto de Negueb. O nome significa "O poço de sete" (Gn 21,31).

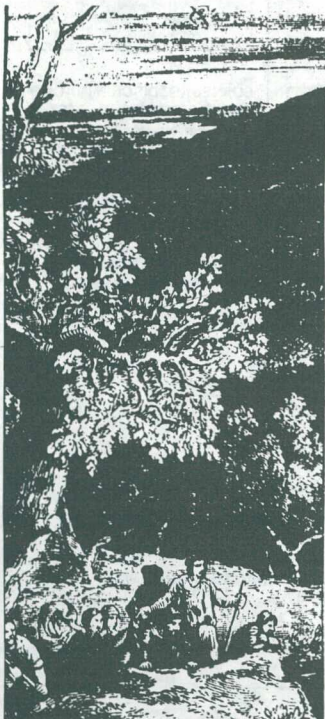
Povo não semita proveniente de Creta; invadiram Canaã pelo mar (Gn 21,34).

Aquele que atira flechas ou setas na caça ou na guerra (Gn 21,20).

Sacrifício expiatório (Gn 22,7).

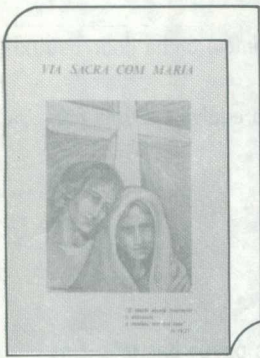
Prática cirúrgica operada por Abraão em Isaac por ordem de Deus (Gn 21,4).

Gerações futuras (Gn 21,12).



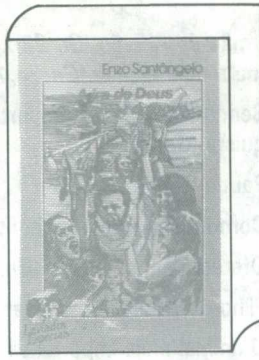
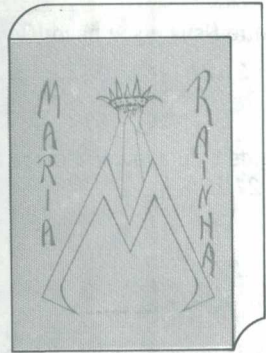
A	C	A	A	S	I	B	E	G	H	J	M	U	S	T	Q
C	C	I	L	D	O	J	L	O	N	P	V	R	V	Y	Z
K	E	M	I	A	A	U	I	S	M	A	E	L	S	B	A
I	L	O	A	I	A	M	P	A	C	I	L	X	U	C	E
D	E	L	N	R	R	E	O	R	I	E	H	C	E	L	F
F	M	A	Ç	O	B	N	S	A	R	B	I	G	T	H	I
Z	I	R	A	M	A	T	T	F	C	A	C	J	S	K	M
L	B	N	P	S	R	O	E	T	U	S	E	O	I	U	X
J	A	V	E	-	Y	I	R	E	N	R	A	T	L	A	Y
Q	D	C	E	E	R	F	I	H	C	E	V	A	I	Z	B
O	V	O	P	O	Ç	O	D	H	I	B	I	K	F	M	L
G	E	H	O	L	O	C	A	U	S	T	O	P	Q	A	R
O	F	A	R	A	E	R	D	O	A	I	C	P	I	G	E
X	N	I	T	X	U	S	E	J	O	V	E	L	H	A	T
Z	F	N	A	C	O	R	T	R	U	X	N	O	U	R	V
Q	P	Z	L	P	Q	T	L	O	C	I	F	Y	A	X	Z
X	T	B	U	V	Q	S	Z	N	S	U	R	V	A	C	B

LIVROS RECEBIDOS



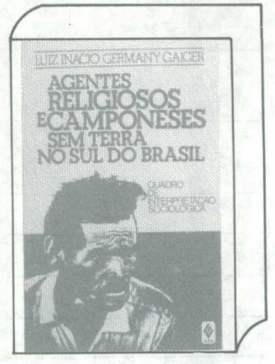
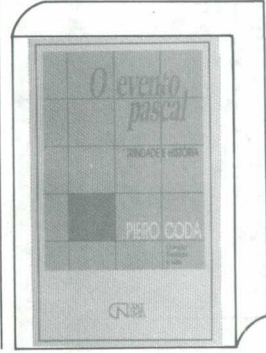
VIA SACRA COM MARIA — Editora Regnum Dei, 37 págs. Eis, enfim, uma "Via Sacra" que não se limita a fazer-nos meditar sobre os sofrimentos de Jesus; ela nos faz viver, "com-padece" junto a Ele estação após estação. Em poucas páginas, o autor nos faz trilhar ao lado do Salvador o caminho de amor e de dor que venceu o pecado através do sofrimento aceito por amor. Eis um ótimo subsídio. Jesus nos chama junto a Ele na oração e sacrifício.

MARIA RAINHA — Leonor Rennó Salomon, Editora Senga Ltda, 73 págs. Uma coletânea de 22 celebrações para a coroação de Nossa Senhora, cujos textos foram baseados na Bíblia Sagrada, palavras e encíclicas do papa João Paulo II, livros, artigos de jornais e revistas. Há sugestões para os organizadores, apresentando esclarecimentos para um melhor desenrolar da cerimônia. A finalidade da coletânea é ajudar aqueles que querem louvar Maria, principalmente neste Ano Mariano.

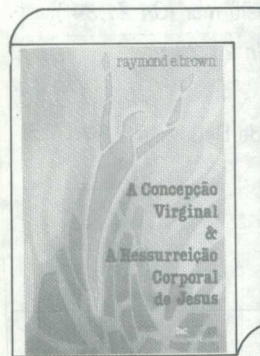


A IRA DE DEUS NO CLAMOR DO POVO — Enzo Santangelo, Edições Loyola, 146 págs. Encontramos neste livro 50 textos de autores diferentes que tratam de temas sociais como: a fome, o latifúndio, a revolução, a colonização e a descolonização, o roubo, a riqueza, o lucro, o pobre etc. Linguagem simples. Vários capítulos terminam com salmos, citações bíblicas, orações.

O EVENTO PASCAL — Piero Coda, Editora Cidade Nova, 208 págs. O autor quer abrir novos espaços dentro da reflexão teológica. Há o enquadramento vital entre Mistério Pascal e Mistério Trinitário. Ele, o autor, examina as perspectivas teológicas de outros filões das tradições cristãs; coloca-se diante do exame dialético de Hegel, enfrenta as questões fundamentais da Teologia da "Igreja dos Pobres", e tenta projetar uma luz nova no horizonte cristológico.

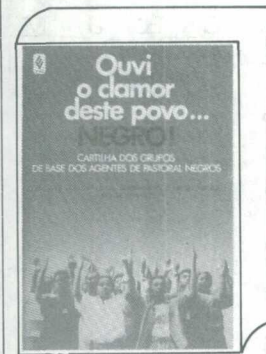


AGENTES RELIGIOSOS E CAMPONESES SEM TERRA NO SUL DO BRASIL — Luiz Inácio Germany Gaiger, Editora Vozes, 118 págs. Aqui temos um instrumento de análise dos conflitos sociais e da participação das Igrejas nos movimentos populares, seja para o pesquisador e o acadêmico, seja para aqueles cujo envolvimento e preocupação com a transformação da sociedade levam-nos a valorizar o conhecimento do social.



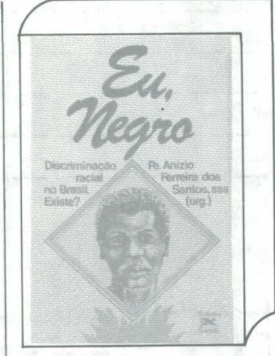
A CONCEPÇÃO VIRGINAL E A RESURREIÇÃO CORPORAL DE JESUS — Raymond E. Brown, Edições Loyola, 123 págs. O autor trata da concepção virginal e da ressurreição de Cristo, avaliando-as com clareza e honestidade, sem muitas palavras. O livro oferece real auxílio àqueles que preferem um exame objetivo às respostas predeterminadas. Alguns leitores se sentirão afrontados, outros imitados, mas é um livro que obriga ao raciocínio e à fé.

OUVI O CLAMOR DESTA POVO... NEGRO! — Editora Vozes, 45 págs. É um subsídio elaborado pela comissão de Padres, Seminaristas e Religiosos Negros do Estado do Rio de Janeiro com o intuito de auxiliar a reflexão nos grupos de base do Brasil, para se afirmar cada vez mais a comunidade negra. É uma cartilha com texto, questões a serem debatidas e colocações bíblicas. A finalidade é ajudar também a diminuir a discriminação, opressão, exploração e corrupção em nossa terra.



REBELIÃO ESCRAVA NO BRASIL — João José Reis, Editora Brasiliense, 286 págs. O livro trata da história do levante dos malês (1835). O autor faz minuciosa investigação dessa rebelião, que reuniu centenas de escravos adeptos do islã nas ruas de Salvador, lutando contra milícias e tropas da cavalaria. É a luta dos escravos pela afirmação da dignidade e da vida no Brasil.

CAMINHOS PARA A UNIDADE CRISTÃ: PASTORAL DE ECUMENISMO — Frei Leonardo Martin, coord., Edições Paulinas, 402 págs. O livro apresenta como capítulo central os itens doutrinários próprios de cada igreja a partir de suas publicações. Estes dão uma visão exata dos vários posicionamentos sem polêmica, nem crítica. Outro capítulo aborda questões catequéticas e pastorais. Há ainda curso e celebração de casamentos ecumênicos, bem como cultos ecumênicos.



EU, NEGRO: DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO BRASIL. EXISTE? — Pe. Anízio Ferreira dos Santos, org., Edições Loyola, 75 págs. Encontramos uma coletânea de textos escritos por negros. Esses textos mostram claramente o preconceito racial vivido no Brasil, bem como as suas diversas formas de manifestações. Apresenta também valores culturais, artísticos e religiosos da raça negra.

Assinale nos quadrinhos a quantidade de livros desejados e remeta este cupom para:

LIVRARIA AVE MARIA
Cx. Postal 54.215
01226 — SÃO PAULO

(Tels.: 66-0582 e 825-0700)

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cz\$ 50,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por vale postal ou selos novos do Correio.

- VIA SACRA COM MARIACz\$ 50,00
- MARIA RAINHACz\$ 75,00
- A IRA DE DEUS NO CLAMOR DO POVO Cz\$ 375,00
- O EVENTO PASCALCz\$ 420,00
- AGENTES RELIGIOSOS E CAMPONESES SEM TERRA NO SUL DO BRASIL.....Cz\$ 290,00
- A CONCEPÇÃO VIRGINAL E A RESURREIÇÃO

- CORPORAL DE JESUSCz\$ 325,00
- OUVI O CLAMOR DESTA POVO... NEGRO!.....Cz\$ 100,00
- REBELIÃO ESCRAVA NO BRASIL.....Cz\$ 1.040,00
- CAMINHOS PARA A UNIDADE CRISTÃ: PASTORAL DE ECUMENISMOCz\$ 850,00
- EU, NEGRO: DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO BRASIL. EXISTE?.....Cz\$ 230,00

Nome: _____ N.º _____

Rua _____ Estado _____

Cidade _____

CEP _____ Assinatura _____

**QUE BOM
QUE VOCÊ VEIO!**
(Recado do Cortês)



RELENDO A BÍBLIA

RESULTADO

A G A R
F A R Ã
O Q R E

P O S O

P O V O
S A R A
A L T A R
E I C Q L
I S A A C
M O R T A
N A C O R

P O R T A

A B R A Ã O
C H I E R E
I M O L A R

I S M A E L
Q U E L H A

A L I A N Ç A
E G I P C I A
I U M E N I O
T A M A R I Z

V E L H I C E
A B I M E L E C
I A V É - Y I R E
B E R S A B E S I A
E L I S T E U S
F L E C H A S I R O
H O L O C A U S T O
C I R C U N C I S Ã O
P O S T E R I D A D E

A	C	A	A	S	I	H	E	G	H	J	M	U	S	T	Q
C	I	L	D	O	J	L	O	N	P	V	R	V	S	Y	Z
K	E	M	A	I	A	U	I	S	M	A	E	L	S	B	A
I	L	O	A	I	A	A	P	A	C	I	L	X	U	C	E
D	E	L	N	R	O	R	E	O	R	I	E	H	C	E	L
F	M	A	Ç	O	B	N	S	A	R	B	I	G	T	H	I
Z	I	R	A	M	A	T	T	F	C	A	C	E	J	S	K
L	B	N	P	S	R	O	E	T	U	S	E	O	I	U	X
J	A	V	E	Y	I	R	E	N	R	A	T	L	A	Y	B
Q	D	C	E	E	R	F	I	H	C	E	V	A	I	Z	B
O	V	O	P	O	Ç	O	D	H	I	B	I	K	F	M	L
G	E	H	O	L	O	C	A	U	S	T	O	P	Q	A	R
O	F	A	R	A	E	R	D	O	A	I	C	P	I	G	E
X	N	I	T	X	U	S	E	J	O	V	E	L	H	A	T
Z	F	N	A	C	O	R	T	R	U	X	N	O	U	R	V
Q	P	Z	L	P	Q	T	L	O	C	I	F	Y	A	X	Z
X	T	B	U	V	Q	S	Z	N	S	U	R	V	A	C	B

Menor abandonado: direitos desrespeitados

Prezada revista Ave Maria

Você está fazendo sucesso com a "Coluna do menor" e por isso estou escrevendo esta carta dando algumas sugestões. Acho que nem todos os problemas da minha cidade estão resolvidos: ruas sem asfalto, bairro sem transportes públicos e avenidas sem segurança.

Espero que o prefeito veja isso.

No Brasil, o presidente José Sarney está tomando ótimas decisões, mas não está tendo o apoio das outras autoridades.

O caso das crianças que trabalham para os medicamentos da mãe ou dos irmãos não é só um ato, é amor e carinho. Acho que todas as pessoas devem trabalhar para viver.

Eu também quero que abram mais empresas para as pessoas trabalharem e receberem um pagamento justo.

Essas são as minhas sugestões. Agora eu vou falar sobre o tema "O menor abandonado".

Eu quero que os adultos respeitem os direitos do menor abandonado. São eles:

O menor abandonado tem o direito de amar e ser amado, de ter um teto onde morar, de ter uma alimentação certa para viver, de ter higiene, de ser respeitado e amigo.

Eu peço para a polícia que não maltrate o menor, porque ele faz isso para viver. Ele faz isso porque os adultos não respeitam seus direitos.

Eu acho que todos deviam levar os menores para um lugar seguro e que haja escola para eles.

(H.R.A., 9 anos -
Montes Claros, MG)

Meus coleguinhas vamos agora pensar um pouco nos nossos irmãos necessitados.

Há tantas crianças de nossa idade que não têm um lar, não têm família, não têm roupa e nem alimento; enquanto isso algumas crianças gastam dinheiro em coisas desnecessárias.

Eu peço a vocês, coleguinhas, que pensem mais nos nossos irmãos necessitados e que ajudem a eles o máximo possível.

Poesia: Menores abandonados

Por todo lugar
por onde andamos
vários menores
abandonados
encontramos.

Acolhendo o menor
com carinho, com amor,
estaremos acolhendo
Jesus, nosso Salvador.
O menor abandonado,
sem amor, sem
formação,
torna-se um revoltado,
odiando o seu irmão.

É por causa da falta de amor
e da injustiça social
que existe no mundo
tanto marginal

Eu acho que o governo
deve criar
meios de o menor
acolher
de modo que no amor e
no trabalho
ele possa crescer.

Todos nós devemos
nos preocupar mais com
o menor;
assim nossa
contribuição daremos
para que o mundo seja
melhor.

(M.F.S.M., 11 anos - São
João Del Rei, MG)

Olá, recebi a revista Ave Maria e achei interessante esta página e resolvi escrever.

Eu gostaria de dizer aos pais que falassem com educação com os pobres, os menores abandonados. Que dessem mais carinho, mais amor para eles.

Eu acho que estão certos aqueles que tratam com carinho os menores e não aqueles que batem no menor, aqueles que fazem inveja ao menor. Acho que o menor tem que trabalhar para ganhar dinheiro e vencer na vida. Eu acho errado não haver escola para os menores, porque, quanto mais vai crescendo, a criança vai ficando mais boba e mais sem educação com as pessoas.

Acho errado aquelas pessoas que têm filhos e

depois os deixam na rua, sofrendo e pedindo esmolas, por isso que passam fome. Eu acho horrível as crianças nascerem e depois irem para a rua. Aprendem muitas coisas erradas e por isso nascem as guerras.

É preciso abrir um lugar para os pobres morarem. Um lugar agradável para eles.

(J.M.R., 12 anos —
Belo Horizonte, MG)

Na minha cidade está tudo em ordem; o prefeito é muito bom, tem feito o que pode e o que não pode.

Bom, no Brasil está tudo errado e no mundo, são crianças abandonadas, falta de carinho e afeto. Eu acho que as crianças que lutam pra sobreviver é porque não tem ninguém no mundo.

Eu acho que estas crianças deviam ter escola grátis.

(L.A.S.S., 9 anos —
Roseira, SP)

AGRADECEM FAVORES

MARIA VIEIRA por intermédio de São Charbel, Espírito Santo e almas. ODETE GIGLIO, por intermédio de Nossa Senhora do Carmo, Santo Antônio de Pádua e Antoninho Mármore. MARIA RITA FONSECA BAZANINI, por intermédio de Nossa Senhora da Consolação, do Divino Espírito Santo e de Santa Clara. MARIA APARECIDA S. BRAGHETTI, por intermédio do Divino Espírito Santo.

O ESTRANHO

Se o escuro me relevais à baça pele que ofusca vossa estimada clareza, também vos deixo por nada o enxurro de tantos medos nas vossas mentes líriais. Os vossos doces punhais aceito-os com meu disfarce e atrás do muro de um riso escondo o meu pensamento...

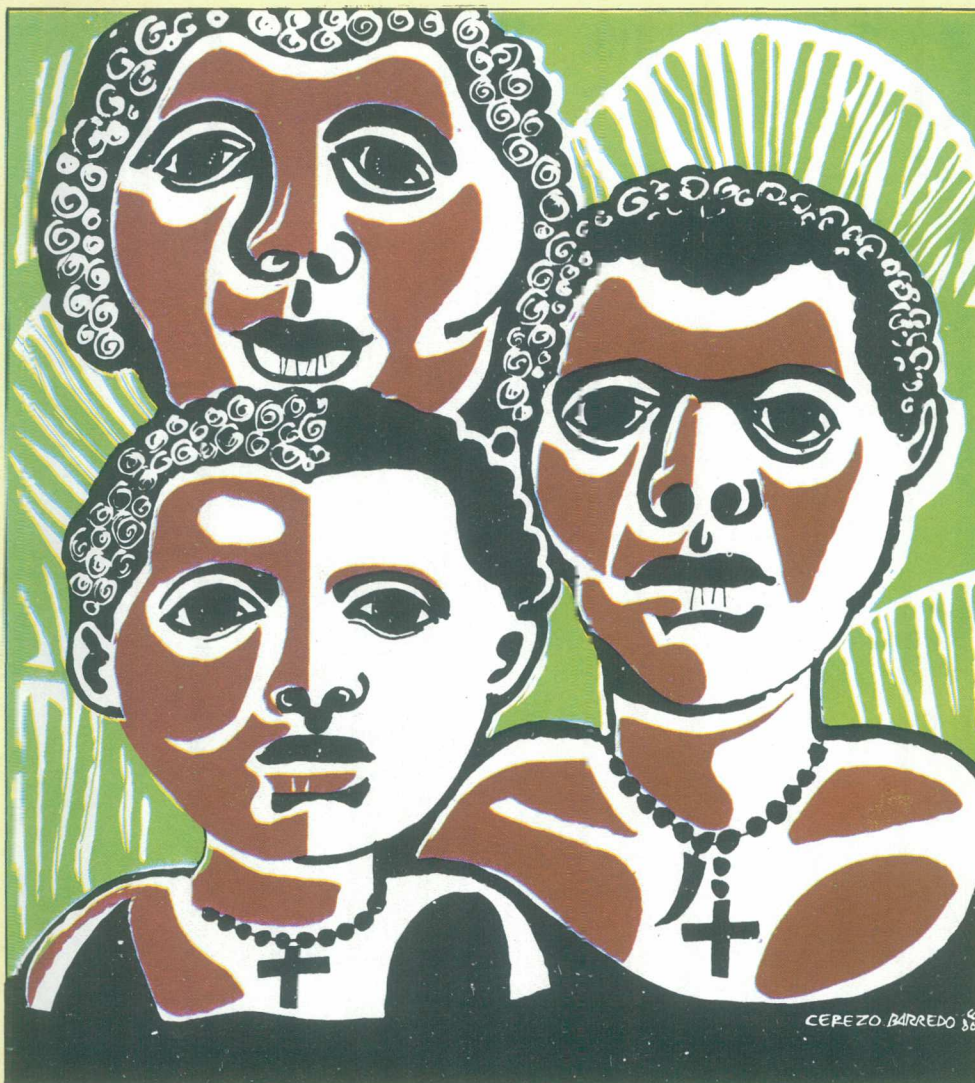
Olhai! A noite que chega, borrando o vão da janela, é bem conhecida minha... Eu a carrego em baús vazios de vossa herança, e eu a livro, por vezes, berrando de desespero, e a minha mensagem viaja no dorso do uivo do vento. E vós dizeis, repousados, se, a medo, vossas faianças velais, arcados de tédio: "São lamentos, só lamentos, aprendizado do eito..."

Senhores, vós não sabeis quem sou, ah, não sabeis quem eu sou! Mirai-me o rosto de cobre combusto de sóis e ardumes, notai-me o passo, eis que aturo a estreiteza da senda que vosso mundo traçou. Vinde, provai do meu pão! Abancai-vos a esta mesa, se conheceis quem eu sou! Assentai-vos, meus senhores, provai do meu pão de fel, repasto useiro em família... No vosso rosto percebo enojo ao que vos oferto... Mas o que é meu tributo à vossa força e firmeza: sal e fel e ausência bíblica de uma "escada de Jacó"! Senhores, vós não sabeis quem sou não, não sabeis quem eu sou! Mirai-me a face de cobre, lavrada de sóis e ardumes, olhai-me o rastro, eis que meço a estreiteza da senda que vosso mundo traçou. Vinde,



provai do meu pão! A noite sentada à mesa é bem conhecida minha... A angústia, serve de ancila... Eu vos convidei, senhores! Provai, provai do meu pão!

NOSSO DEUS E NOSSO PAI



Ajuda-nos a descobrir as riquezas da identidade de nossa raça negra e a fazer de nossa história de dor e de êxodos uma esperança de um novo futuro.

Pela Cruz de teu filho, o Nazareno — nosso Cristo e nosso Irmão —, pedimos-te a extinção de toda escravidão, segregação, apartheid e outros desprezos contra teus filhos negros.

E livra-nos, ó Deus libertador, de todo

ressentimento, preconceito, ódio ou vingança e também da passividade e dos complexos.

Reavive em nós a alma profunda de nossa raça negra.

Faze com que amemos e sejamos amados como irmãos que põem em comum os valores de suas identidades, até que se ferme o Reino universal multicolorido de tua família unida, pelo amor imenso de teu Espírito.